FEST – Filemom Escola Superior de Teologia
“Formando Obreiros Aprovados”

LIVRO DE APOCALIPSE



Sumário

1.Introdução
2.Porque O Livro de Apocalipse É Negligenciado
3.Como Podemos Entender O “Apocalipse”
4.A Época Em Que “Apocalipse” Foi Escrito
5.As Interpretações de “Apocalipse”
6.A Mensagem, Estilo E Natureza de “Apocalipse”
7.Salvação E Recompensa
8.Quatro Julgamentos
9.Os Significados dos Números
10.A Teoria Dia-Ano
11.Os Escritos de Pedro, Paulo E João
12.Comparando A Terceira Divisão de “Apocalipse” Com Outras Profecias Bíblicas
13.As Outras Revelações No Livro de “Apocalipse”
14.Um Breve Sumário A Respeito das Coisas Que Virão
15.Um resumo detalhado do Apocalipse

Introdução

O livro de Apocalipse é verdadeiramente o último livro da Bíblia. É a consumação da revelação de Deus e a conclusão da palavra de Deus. Sem essa parte da palavra de Deus a Bíblia seria um livro sem um fim, e muitos dos problemas que surgem nos outros livros permaneceriam também sem solução. Quão triste é que para muitos filhos de Deus este livro parece não existir na sua Bíblia! Eles nem o lêem nem o entendem. Essa é uma das razões porque a fraqueza espiritual prevalece entre o povo de Deus.

As páginas de Apocalipse constituem o registro do cumprimento de todas as promessas e profecias. Ele segue-se à Lei, aos Profetas, aos Salmos, aos Evangelhos, e às Epístolas. Implementa os tipos e completa os ensinamentos dos escritos anteriormente mencionados, e é a última mensagem dada pelo Senhor Jesus para Sua Igreja a fim de mostrar quais seriam, futuramente, Seus relacionamentos com Sua Igreja, com Seu Israel e com Seu inimigo. É um livro de guerras: a guerra entre Cristo e o Anticristo; entre Deus e Satanás. Esse livro mostra como os santos se levantarão com o Senhor em um propósito único de resistir a Satanás e suas hostes. Todavia, se esta é uma verdade para o futuro, tanto mais deve ser uma verdade para hoje. Que o Senhor nos dê graça para que, no tempo presente, nós possamos assumir a atitude de vencedores contra o diabo; para que pela fé resistamos a ele em nossas vidas e ações; e para que aprofundemos nossa própria inimizade contra ele.

É extremamente apropriado que o livro de Apocalipse tenha sido colocado no fim do Novo Testamento. Quando lemos os Evangelhos, nós, sem dúvida, pensamos no futuro reino de Deus e sua glória. Quando lemos as Epístolas, nossa expectativa para o futuro é, sem dúvida, intensificada. Parece que a Bíblia inteira está apontando para aquele futuro ao qual nossos corações cristãos são atraídos. Mas então, o livro de Apocalipse conclui todas as profecias que foram anteriormente pronunciadas e coloca os futuros acontecimentos diante de nós, levando-nos a saber com mais segurança que um dia a criação não mais gemerá e que os crentes não mais sofrerão!

Quão apropriado é tudo isso. O que os santos têm experimentado no mundo aumenta o seu anseio pela vinda daquele dia. Quão numerosos são os pecados do mundo, como prevalecem as suas violências! No entanto, como os santos anseiam pelo triunfo da justiça e da verdade! O livro de Apocalipse fala do iminente julgamento do mal por Deus assim como declara a vitória final dos que amam a Deus. Veja quão misericordioso é o Senhor: Ele nos dá esse livro para nosso conforto e satisfação. Como Ele sempre cuida de nós!

O Senhor Jesus Cristo é o centro da Palavra de Deus (cf. Lucas 24:27; João 5:39). Portanto, Ele é a chave para a palavra de Deus. Diretamente ou indiretamente, toda a Bíblia fala dEle. Ela aponta para Jesus e gira ao redor dEle. Tire-O, e ninguém entenderá a Bíblia. “No rolo do livro está escrito sobre mim” (Hebreus 10:7). Martinho Lutero disse certa vez que no mundo “há somente um livro - a Bíblia, e uma só pessoa - Jesus Cristo”. O Senhor Jesus Cristo é tanto o detalhe quanto o esboço da Bíblia. Se nós lermos o livro de Apocalipse com um coração que busca por Cristo, nós veremos seu rosto em cada página, e de cada página ouviremos sua voz. Esse livro, assim como todos os outros livros da Bíblia, toma a pessoa de Cristo como o sujeito e a glória de Cristo como o objeto. Se nós não vemos a pessoa de Cristo nas páginas de Apocalipse, então tudo o que vemos será vaidade. Aproximando-nos desse livro, nos aproximamos de Cristo. Como isso é bonito!

Possamos nós receber graça para ver mais de Cristo em todas as páginas desse livro. É deplorável que comentaristas e também ouvintes se importam muito com os julgamentos, símbolos, mistérios e conseqüências desse livro, mas esquecem que Cristo é nosso amado Senhor! Que Ele nos habilite a segui-lO com uma mente simples e a exaltá-lO sobre tudo mais. Que possamos aprender a amá-lO e a obedecê-lO mais e mais.

Desde o princípio, o livro de Apocalipse registra a pessoa a obra de Jesus Cristo. Muitos nomes são dados no primeiro capítulo; e todos revelam a Sua pessoa - Sua deidade. Ele fala da Sua vida na terra como “a testemunha fiel” (1:5); ele fala da Sua morte substitutiva na cruz da seguinte maneira: “com Seu sangue nos libertou dos nossos pecados”

(1:5), “Eu estava morto” (1:18), “um Cordeiro...como que tendo sido morto” (5:12). Esse livro O menciona como o Cordeiro 28 vezes, e em cada uma delas isso nos lembra como ele morreu por nossos pecados. Como Ele nos ama verdadeiramente (1:5)! Mas a sua ressurreição também é registrada nesse livro como “o Primogênito dos mortos” (1:5), “aquele que vivo e fui morto, mas eis que vivo para sempre” (1:18), e “o primeiro e o último, que foi morto e reviveu” (2:8).

Por causa da morte e ressurreição de Cristo, Deus o Pai deu a Ele incomparavelmente a maior glória, como o apóstolo Paulo tão eloquentemente nos diz: “Ele se humilhou, sendo obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Fil. 2.8-11). Nós podemos notar como as palavras desses versos das epístolas são cumpridas nesse último livro da Bíblia. O livro de Apocalipse conta-nos como ele receberá os louvores dos redimidos, as aclamações das hostes angelicais, e o louvor de toda criação. Que os corações de todos os que amam o Senhor sejam elevados, pois nós nos alegramos em vê-lO glorificado.

Uma grande parte desse livro é dedicada ao julgamento de Cristo, de acordo com João 5: ”E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo” (v.22). Quem pode se levantar contra a ira do cordeiro? Nada do que o nosso Senhor faça é inapropriado. A Sua beleza é manifesta tanto no Seu favor quanto na sua ira; e isso nos leva a admirá-lO mais e mais. Antes, ele se mostrou de forma tão humilde! Quão desprezado e maltratado pelos homens ele foi! Mas agora, Ele é cheio de glória e majestade! Que o Senhor nos habilite a vermos a sua honra nesses terríveis julgamentos. Após Apocalipse 19, nós podemos ver como ele é unido em um com a Sua noiva, como Ele destrói todos os Seus oponentes, como os seus crentes vitoriosos reinam com ele por mil anos, e como Ele busca pelos seus no novo céu e nova terra. Verdadeiramente, o Senhor Jesus é o tema do livro de Apocalipse. Se a palavra de Deus de fato toma

Cristo como o seu centro, então nós devemos fazer dEle o centro do nosso falar e do nosso andar. Desde que Deus deu a Ele todas as coisas, então nós devemos dar a ele tudo de nós em nossas palavras e obras.

Agora, além da pessoa e glória de Cristo, esse livro também toma - como seu assunto secundário - a Igreja e o reino, embora não separados, mas juntos a Cristo. Neste livro, como temos dito, o mundo está sob julgamento; de forma que, de tudo o que é dito deste mundo, Apocalipse não registra nada a não ser o seu julgamento. E a respeito da Igreja neste mundo, o livro não diz nada a respeito dos seus privilégios especiais, mas diz algo sobre a sua responsabilidade. No entanto, as coisas que o Velho Testamento não menciona sobre o aspecto celestial da Igreja e da glória do reino são claramente descobertas na última porção do Novo Testamento.

No Apocalipse, Deus é apresentado como o Juiz dessa era, e Cristo é retratado como o Executor. O julgamento começa com a casa de Deus e finalmente alcança todo o mundo. Nesse livro o Espírito Santo é revelado como “os sete Espíritos” ao invés de “O Espírito” que é apresentado nos outros livros da Bíblia, simplesmente porque se fala dEle de acordo com a obra do governo de Deus.

Que possamos entender que o livro de Apocalipse não é um livro de segredos, mas de revelações. Se fosse um livro selado, nós não teríamos nenhuma esperança em entendê-lo. Mas, desde que é um livro de revelações, nós precisamos pedir ao Espírito de Deus que nos ensine, para que possamos saber. O significado básico de “revelação” é “tirar o véu”. E por isso, nesse livro o Espírito Santo tira para nós o véu da glória e da pessoa do Senhor Jesus. Que Ele abra nossos olhos para contemplarmos o precioso ensinamento que há nessas páginas!

Porque o Livro de Apocalipse é Negligenciado

Gênesis é o primeiro livro da Bíblia, e fala da maldição de Deus sobre Satanás. Apocalipse é o último livro da Bíblia, e revela como Satanás será derrotado no futuro e como Deus executa julgamento contra ele. A face original de Satanás e seu fim eterno são registrados nesses dois livros. Por

essa razão, Satanás abriga um ódio especial contra eles. Ele ataca Gênesis sugerindo que os seus registros não estão de acordo com as descobertas científicas, e que por isso a história da criação encontrada nesse livro não passa de um mito. Externamente, ele parece atacar o registro da história da criação, mas na verdade ele tenta encobrir a história da sua própria maldição. Contra o livro de Apocalipse - que prediz o seu fim - ele adota outra maneira de ataque. Em vez de atacá-lo abertamente, ele tenta torná-lo em um livro selado. Ele insinua que as suas páginas são tão profundas e que os eventos futuros nele registrados são tão difíceis de entender que seria uma perda de tempo estudá-lo. Consequentemente, muitos crentes nunca sequer chegaram a tocar nesse livro. E assim ele facilmente acoberta a sua futura desgraça.

O livro de Apocalipse não foi somente desprezado, mas também rejeitado pelos cristãos em tempos passados. Isso nós podemos saber por meio de um estudo da história da Igreja. No atual século vinte, embora alguns cristãos – muito poucos – desejem lê-lo, crentes comuns – a vasta maioria – são geralmente mornos em relação a ele. Muitos põem o livro, onde estava, na estante. Alguns não o lêem porque eles também nem lêem os outros livros da Bíblia; outros, porque não confiam no Espírito Santo e não têm paciência para lê-lo. Quão freqüentemente nós ouvimos as pessoas dizer: “esse livro é muito profundo, muito misterioso para eu ler”.

O fato é que há muitas razões significativas por que o livro de Apocalipse não é bem vindo, mas, pelo contrário, é muitas vezes pedra de tropeço para muitos. Como já mencionamos além da obstrução satânica já mencionada, podemos dizer que os conteúdos desse livro dificilmente trazem quaisquer bons sentimentos aos crentes do mundo. Ele, de fato, fala da glória do futuro reino milenar e da alegria do reino eterno, as quais são coisas verdadeiras e certas (cap. 20.1-9, caps. 21 e 22-5). Mas aqueles que desfrutarão de tal glória e alegria precisam ser “fiéis até a morte” (2.10), e “reter até que eu venha” (2:25). Eles devem “vigiar”, “se arrepender” e “serem zelosos”. A fim de ganhar o mundo futuro, eles devem abandonar esse mundo presente(G.T.). Agora há o sofrimento, mas

então haverá a glória. Por outro lado, todo aquele que tiver a glória do mundo hoje sofrerá vergonha no mundo futuro. Muitos crentes carnais acham difícil cortar as suas amarras com o mundo que por tanto tempo eles têm amado. Desde que a leitura de Apocalipse vai, dessa maneira, produzir ansiedade e aflição, eles decidem não lê-lo.

Outra explicação para o fato de Apocalipse ser uma parte não bem-vinda da Bíblia está no fato de que grande parte desse livro trata da ira e do julgamento de Deus (ver caps. 4 e 19). As pessoas gostam de ouvir sobre o amor de Deus. O Deus ideal para o homem é aquele que nunca fica irado e nem nunca julga. No entanto, esse livro fala da justiça de Deus resultando na Sua ira e no seu julgamento - atividades divinas nunca são bem-vindas para qualquer homem. Quem, então, quereria ler sobre tais assuntos?

Outra razão é que do começo ao fim, as páginas do Apocalipse tratam com todos os tipos de fenômenos sobrenaturais. Deus sabe que o homem só se importa com ocorrências naturais, mas Ele quer que fiquemos face a face com Ele. Por isso Ele vai tratar conosco em território sobrenatural. As pessoas podem tolerar lerem sobre eventos sobrenaturais passados porque esses não podem afetá-las, já que esses eventos já passaram e as situações já foram mudadas. Mas se, no futuro, tais fenômenos sobrenaturais ainda estão para passar, esses irão desferir golpes mortais no seu materialismo e no seu desprezo por milagres e maravilhas. E se tais acontecimentos estão realmente para vir no futuro, não deveriam eles viver hoje na terra de maneira piedosa e se gloriarem em Deus? É uma pena que tantos tentem espiritualizar [demais] esse livro porque não podem suportar os ensinamentos simples, mas horrendos encontrados nele. Eles tomam tudo como alegorias sem valor histórico para eles no futuro. Como a carne recua ate a espada de dois gumes de Deus! Quão enganoso sobre todas as coisas é o coração humano!

Muitas pessoas pensam que o mundo está melhorando a cada dia. Não está a civilização progredindo diariamente? Eles pensam que o mundo está avançando para cima e avante sem sinal de regressão. E de acordo com tal aceleração no progresso, eles cismam que muito em breve a

sociedade cristã ideal aparecerá na terra. Mas, como é diferente é o mundo do Apocalipse dos pensamentos humanos! Esse livro nem por um momento considera o mundo como progressivo! Pelo contrário, seu testemunho é de que os pecados do homem terão aumentado tão rapidamente que o mundo se tornará irredimível por rejeitar Deus e a Sua salvação. E por isso, não há nada a ser feito, a não ser julgamento; pois, mesmo com o mais severo julgamento, os homens não se arrependerão. Isso é verdade não apenas com o mundo, mas também com a Igreja! A Igreja tem deixado seu primeiro amor; por isso ela será vomitada pelo Senhor. A concepção moderna das coisas e a palavra de Deus estão em completa discordância. Desde que as palavras do Apocalipse testemunham a favor de Deus e não do homem, esse livro não é adequado ao pensamento do homem, e consequentemente não é bem vindo para o homem. Quão deplorável é que muitos têm perdido o espírito de testemunhar contra a pecaminosidade desse mundo, assim como as páginas de Apocalipse mostram!

A posição que a verdadeira Igreja deveria atingir é ainda outra explicação porque as pessoas não gostam de ler as páginas desse livro. O que Apocalipse capítulos 2 e 3 fala a respeito da verdadeira condição da Igreja aflige esses muitos crentes que ainda amam o mundo. O homem moderno insiste no trabalho. Se há muitas atividades, então esses cristãos serão contados entre os que estão no topo. No entanto, Apocalipse julga inúteis as muitas atividades sem o primeiro amor. Qualquer que seja verdadeiramente para o Senhor deve ser “fiel até a morte” e deve ser “vigilante”. Isso é algo que os crentes do mundo não podem suportar.

Uma razão final para a impopularidade do Apocalipse entre tantos é que há uma concepção moderna de que o mundo inteiro será salvo no futuro. No entanto, o livro de Apocalipse fala contra uma concepção errada como essa. Pelo contrário, prediz que no futuro incontáveis números de pessoas serão eternamente perdidos no “lago de fogo”. Esses que se acham mais compassivos que Deus vão certamente resistir a esse ensinamento. Eles gostariam de pensar que a punição de pecadores durará um certo tempo e que então haverá simplesmente a sua

aniquilação. Mas mais uma vez o livro de Apocalipse se opõe a tal pensamento ansioso. Ele mostra que os sofrimentos do lago de fogo são eternos – sem fim. Desde que esse livro é cheio de ais, pragas, maldições, agonias e avisos, não é surpreendente que as pessoas não lêem, recebem ou aceitam-no.

Podemos acrescentar que o livro de Apocalipse, em seus ensinamentos, é tão oposto ao pensamento humano que poucos o estudarão nos dias de hoje. Mas há esses poucos que ainda pagam o preço para ler essas páginas.

Os santos que amam ao Senhor tomam uma atitude totalmente diferente a respeito desse livro. Eles encontram em suas palavras um suprimento em tempos de falta, apoio em tempos de desespero, conforto em tempos de tristeza, socorro em tempo de fraqueza. Este volume enxuga as suas lágrimas, aumenta a sua fé, e reaviva a sua vontade. Como esses santos que desejam sofrer pelo Senhor amam ler essas páginas! Por amor a Cristo eles se tornam pobres e solitários. Eles caminham pelo caminho estreito da cruz. Mesmo em suas aflições, eles encontram alívio e descobrem grande esperança no Apocalipse, pois a segunda vinda do senhor não alegraria aqueles que amam a sua revelação? Por maiores que possam ser as aflições na terra, a esperança de ser arrebatado para o paraíso mais do que compensa todas elas. Como podemos deixar de admirar a Nova Jerusalém, a Cidade de Deus? Por mais coisas que tenhamos que abandonar hoje, o ganho naquele dia em que reinaremos com Cristo será muito maior. As aflições desse tempo presente são leves e momentâneas se comparadas com a glória eterna do reino que está vindo (cf. Rom. 8.18, 2 Cor. 4.17). O livro de Apocalipse é verdadeiramente uma benção para os cristãos.

Como Podemos Entender o Livro De Apocalipse

Para entender o livro de Apocalipse a primeira coisa que se deve fazer é lê-lo. Sem fazer isso, ninguém pode entender esse livro. Não é estranho que quando perguntamos aos cristãos “porque você não lê o Apocalipse?”

eles respondem que é porque não o entendem? Por acaso eles querem dizer que é necessário entender primeiro essas páginas para depois lê-las? Que Deus nos conceda paciência para estudarmos a Sua palavra, a fim de que não desistamos de ler logo que encontrarmos alguma dificuldade, pois dessa forma perderíamos muitas bênçãos. Qualquer que ler esse livro do Apocalipse não deve confiar simplesmente no seu próprio poder mental; ele deve, em oração, humildemente e abertamente pedir a iluminação do Espírito Santo. Quando a Sua luz brilha sobre a palavra de Deus, coisas que outrora não foram entendidas durante anos serão imediatamente compreendidas.

Além disso, o leitor desse livro deve manter o seu coração puro - ou seja, ele não deve ler por curiosidade a respeito de eventos futuros. Pelo contrário, ele deve ler atentamente as páginas desse livro, com o desejo de conhecer mais da palavra de Deus, para poder guardar a Sua vontade e receber tudo o que Ele quiser dar através da sua palavra. Deus não abençoará uma leitura que sirva apenas para alimentar uma mente curiosa, pois isso não tem proveito para nossa vida espiritual.

A meu ver, a primeira coisa a fazer para compreender o livro de Apocalipse é obter um conhecimento meticuloso sobre ele. Para começar, leia-o capítulo por capítulo. Leia até que você possa lembrar do conteúdo de cada capítulo sem olhar. Então leia cuidadosamente, versículo por versículo. Memorize os versículos que você considera importante. Use todos os tipos de métodos para se tornar um meticuloso conhecedor desse livro. Assim que você se tornar familiarizado com os seus conteúdos, o Espírito Santo então poderá ensiná-lo.

Agora, estando totalmente inteirado a respeito do livro, você logo descobrirá as suas divisões naturais. Você será capaz de perceber o método do livro e de decidir qual parte é história principal e qual parte é parênteses. Você pode então pôr a história principal em ordem e determinar o relacionamento entre história e parênteses. Com um programa de estudo detalhado como esse, você verá qual parte está claramente explicada e qual parte está apenas implícita. Não há problema

nenhum com as partes explícitas, mas as partes implícitas devem ser comparadas com outras porções das Escrituras. Desde que o livro de Apocalipse é a soma total de toda a Bíblia (nele são concluídos todos os problemas que não foram concluídos em partes anteriores da Bíblia), nós devemos pesquisar os outros livros da Bíblia para esquadrinhar todas as conecções pertinentes. Se interpretarmos as escrituras com o auxílio das próprias escrituras, nós chegaremos a uma acurada explicação e conhecimento. No entanto, como nós já temos observado, a leitura da Bíblia não é apenas para conhecer, mas é para cultivar a vida espiritual. E por isso, mesmo com as partes que podemos entender, nós devemos pedir ao Espírito Santo que nos mostre seus significados espirituais e que nos dê ajuda espiritual.

A Época em que o Livro de Apocalipse foi Escrito

O período em que o Apocalipse foi escrito constitui um sério problema, em parte porque alguns professores Racionalistas têm defendido uma data precoce para essa composição - eles afirmam que provavelmente foi escrito nos tempos do reino do imperador romano Nero. Eles formularam essa peculiar estrutura de tempo com o objetivo de estabelecer a teoria de que as sérias proclamações registradas no livro de Apocalipse foram todas cumpridas após o infame e devastador incêndio que ocorreu nos tempos de Nero. De acordo com essa teoria, as profecias contidas neste livro na verdade apontam apenas para as perseguições dos Cristãos da Antiguidade e para a destruição de Jerusalém, junto com outros eventos que ocorreram naquele período da história romana. A profecia a respeito da Besta ou do Anticristo tem simplesmente referência à tirania e às maldades perpetradas por César Nero. E, por isso, os conteúdos de todo o livro têm sido completamente cumpridos nos eventos do tempo de Nero. Para os defensores dessa teoria, o livro de Apocalipse é agora apenas um livro de profecias já cumpridas e que, portanto, não têm nenhum valor espiritual para nós Cristãos. É meramente uma parte especial da história romana. Mas, se isso é verdade, então o livro da Apocalipse não se tornará um tanto sem sentido para os Cristãos de hoje? Em vista disso, nós

devemos investigar e determinar o exato tempo em que esse livro foi escrito a fim de provar o erro dessa teoria Racionalista.

Eu pessoalmente creio que livro de Apocalipse foi escrito por volta de 95 a 96 DC durante a última metade do reino do Imperador Domiciano, o último dos doze Césares Romanos.

Todos os comentaristas fundamentalistas modernos concordam com essa estrutura de tempo. Deixe-nos citar algumas evidências que dão suporte a esta visão.

A respeito da visão de que o livro de Apocalipse foi escrito pelo apóstolo João durante o governo de Domiciano, há duas fortes evidências – ambas de natureza externa e interna. Primeiro a evidência externa.

Inicialmente, de maneira geral podemos dizer que todos os escritores dos três primeiros séculos, cujos escritos foram encontrados, são explícitos, e concordam em situar o exílio do João e a sua escrita do Apocalipse (Revelação) na última parte do reinado de Domiciano, o último dos doze Césares; e isso, portanto, nos diz que esse livro foi escrito em 95 ou 96 DC.

A primeira e maior das testemunhas é Ireneu. Ele era aluno de Policarpo, que por sua vez foi um dos discípulos de João. Portanto, Ireneu é muito mais provável de ter recebido um verdadeiro relato dos últimos dias do apóstolo João do que qualquer outro escritor cujas obras tenham chegado a nós. Sendo que, quando Ireneu fala da forte probabilidade do nome do Anticristo ser Teutão (Teitan), ele dá este definido testemunho acerca de João e da sua escrita do Apocalipse:

> Nós não vamos, entretanto, correr o risco de cometer um erro nesse assunto, de confiantemente afirmar que ele terá esse nome; pois nós sabemos que, se estivesse estabelecido que o seu nome deveria ser proclamado no tempo presente, isso teria sido anunciado por aquele que viu a Revelação. Pois foi vista há não muito tempo, mas quase em nossa geração, no final do reino de domiciano.

Tertuliano, um contemporâneo de Ireneu, observou: “Quão feliz é aquela Igreja cujos apóstolos derramaram todos as suas doutrinas com seu

sangue! Na qual Pedro resiste a sofrimentos semelhantes aos do Senhor; na qual Paulo tem por coroa a mesma morte que João; e o apóstolo João, após ter sido mergulhado em olho fervendo sem sofrer nenhum mal, foi banido para uma ilha.” Aqui Tertuliano nos informa de dois fatos: primeiro, que João foi banido; e segundo, que o lugar do seu exílio foi para uma ilha. Em outra passagem após mencionar a perseguição por Nero, ele continua: “Domiciano também, o qual era como um Nero em crueldade, ensaiou as mesmas coisas; mas ele, como também era um ser humano, prontamente cessou o seu empreendimento, e restaurou aqueles que haviam sido banidos.”

Tertuliano, dessa maneira, sugere que o exílio era a pena usualmente infligida aos Cristãos por Domiciano; ao passo que, pelos registros, Nero era acostumado a matá-los.

Clemente de Alexandria não menciona Domiciano pelo nome; mas ele provavelmente o insinua quando fala do “tirano” após cuja morte João voltou do exílio.

Eusébio, em três passagens, declara que a expulsão de João ocorreu no reinado de Domiciano. Ele também diz que João escreveu o Apocalipse no décimo quarto ano de reinado de Domiciano, que seria 95 DC.

Vitorinus de Petau, o autor do mais antigo comentário que existe sobre Apocalipse, explica as palavras: “importa que profetizes outra vez a povos, e nações, e línguas e reis.” (Rev. 10.11 mg.), da seguinte maneira:

> Ele fala dessa maneira porque, quando João viu esta visão, ele estava na ilha de Patmos, havendo sido condenado pelo César Domiciano a trabalhar na mina. Lá, então, ele viu o Apocalipse; e, agora que, avançado em anos, ele começava a pensar que seria recebido no descanso através de seus sofrimentos. Domiciano morrera, e todas suas sentenças foram canceladas. E assim, João, após ter sido liberto da mina, entregou essa mesma revelação que recebeu do Senhor.

Novamente, ao discutir o oitavo rei mencionado no capítulo dezessete do livro de Apocalipse, Vitorinus nos diz em seu comentário que p sexto era Domiciano, em cujo reinado foi escrito o Apocalipse.

No quarto século, Jerome testifica que quando João escreveu o Apocalipse ele estava na ilha de Patmos durante o décimo quarto ano de César Domiciano (95 DC) – sendo ele o segundo dos césares que perseguiram os Cristãos, sendo Nero o primeiro.

Durante os primeiros três séculos e meio, no entanto, nenhum escritor parece sugerir outra data.

Mas, na última metade do século quatro, essa harmonia foi quebrada por Epifânius de Salamis; cujo testemunho, no entanto, é absolutamente inválido contra os que foram citados, sem contar que é totalmente inverossímil em si mesmo. Ora, Epifânius foi um dos mais descuidados e inacurados escritores da antiguidade. Sua notável declaração é esta: que João retornou do exílio – aos noventa anos de idade – durante o reinado de Cláudio. Agora, Cláudio foi assassinado em 54 DC; no entanto, se João estivesse com noventa anos naquele tempo, ele deveria ter trinta e três anos a mais que o Senhor, e ele também deveria estar com sessenta e três anos quando foi chamado para ser um dos apóstolos do Senhor! É claro, então que a data de Cláudio pode ser sumariamente dispensada.

Então, o balanço das evidências externas está sobremaneira a favor da Data Domiciana. Há muitas outras testemunhas que nós não mencionamos, que poderiam dar suporte ainda maior a essa visão.

Assim como as evidências externas são abundantes, também as internas são igualmente fortes na mesma direção. Quando falamos em evidência interna, nos referimos às evidências no texto, que provam que o Apocalipse foi escrito no tempo de Domiciano. Eis as evidências:

(1) O estado em que se encontravam as igrejas da Ásia, como descrito nas sete cartas de Apocalipse capítulos 2 e 3, requereria um desenvolvimento de vinte ou trinta anos além da condição que estava nos tempos de Paulo, e não dos meros cinco ou seis que seriam permitidos pela data Nerônica.

(2) Pelo menos um mártir já havia sido feito em Pérgamo; e João, escrevendo às sete igrejas da Ásia, fala dele mesmo como tendo se

tornado seu companheiro na tribulação pelo seu exílio em Patmos pela palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo. Entretanto, os crentes em Esmirna estavam para experimentar uma provação da sua fé, até mesmo de morte. É evidente que uma perseguição estava acontecendo na Ásia Menor naquele tempo. E essa deve ter sido a perseguição de Domiciano, desde que a de Nero não parece ter se estendido muito além das vizinhanças imediatas de Roma; e nem parece ter a perseguição nerônica resultado em exílio, mas simplesmente em punição capital.

(3) Os Balaãmitas (ver Apoc. 2.14) haviam encontrado tempo de se estabelecer em pérgamo.

(4) A Jezabel não havia apenas subido a um lugar de influência em Tiatira, mas também já havia sido dado a ela tempo de se arrepender (de acordo com Apoc. 2.20, 21).

A Data Domiciana de 95 a 96 DC para a escrita do Apocalipse é, portanto, suportada tanto por evidências internas quanto por externas.

Devido ao fato que o livro de Apocalipse descreve a si mesmo como sendo definitivamente um livro de profecias (ver 1.3; 22.7, 18, 19), certos mestres Racionalistas têm atentado em determinar a data da escrita aos tempos de Nero, podendo dessa maneira aplicar mais estreitamente todas as profecias do livro ao Império Romano de Nero e aos Cristãos daquele tempo. Mas nós hoje claramente sabemos que essa profecia tem de ter sido escrita muito depois dos tempos de Nero. E para o nosso presente dia essa porção de conclusão da palavra de Deus ainda permanece como um escrito profético a respeito de eventos futuros. Não é nem história alegórica nem profecia já cumprida.

Tendo demonstrado que esse livro foi escrito nos tempos de Domiciano, o esquema desses professores Racionalistas para excluir esse apavorante livro – o qual serve como uma das mais agudas das espadas do Espírito de Deus – foi derrotado.

As Interpretações do Apocalipse

A interpretação do livro de Apocalipse é um ponto de contenda entre os comentaristas. De maneira geral, há três diferentes escolas de interpretação; que são (1) os Preteristas, (2) os Interpretadores Históricos, e (3) os Futuristas. Os Preteristas sustentam que toda, ou pelo menos grande parte da profecia já se cumpriu com luta entre a Igreja e Roma, tendo a vitória da Igreja como resultado final. Tal interpretação é muito abstrata e é objetada por comentaristas ortodoxos.

Os Interpretadores Históricos defendem que a profecia abrange toda a história da Igreja, mostrando como as malignas forças do mundo lutam contra a Igreja. Essa interpretação foi muito popular durante os tempos da Reforma e ainda era fortemente defendida no século dezenove. Especialmente com o surgimento de Napoleão, essa visão foi reconhecida como a interpretação final. Dentre os Protestantes, pessoas que têm essa visão consideram o Papa e a Igreja Romana como sendo o anticristo e a Besta. O próprio Martinho Lutero tomou essa visão. Mas os comentaristas da Igreja Católica tomaram a visão oposta e reconheceram o Protestantismo como o Anticristo. Eles até mesmo declararam ter encontrado o número 666 no nome de Martinho Lutero. Muitos do povo de Deus no final do século dezoito e no começo do século dezenove criam que Napoleão cumpria o personagem mencionado em Apocalipse 13. E muitos dos números no livro foram tomados arbitrariamente como um período fixo de profecia; por exemplo, o numero de três anos e meio foi considerado uma representação da tribulação na sua própria história corrente.

Os Futuristas mantém a idéia de que a maior parte da profecia ainda está para se cumprir no futuro. A partir do capítulo 4, nem mesmo uma letra foi cumprida. Os capítulos 2 e 3 falam da Igreja. Só depois que o período da Igreja for cumprido é que qualquer coisa depois do capítulo 4 pode ser cumprida. Os capítulos 6-19 referem-se a eventos que acontecerão no tempo das últimas sete das setenta semanas de Daniel. E as últimas sete semanas de Daniel não podem começar sem que a história da Igreja esteja completada. Essa interpretação é a mais satisfatória, pois é a que mais coincide com as profecias encontradas em outras passagens

da Bíblia. No entanto, nós não temos a intenção de contender por uma opinião! De fato, que possa o Senhor sempre nos afastar disso. O que desejamos é a Sua verdade. Que o seu Espírito nos guie para dentro de todas as verdades e nos habilite a entender a palavra de Deus.

É inevitável que haja muita discussão sobre a interpretação do Apocalipse entre essas três escolas. Mas o nosso alvo, como já deixamos claro, é saber o que Deus quer que saibamos, e não contender em defesa de qualquer escola humana ou opinião. Portanto, nós não vamos apresentar todos os argumentos, nem contra nem a favor. Embora eles pudessem ser bem-vindos por algumas pessoas, não seriam edificantes.

Umas poucas palavras, entretanto, precisam ser ditas para demonstrar que existe falibilidade tanto na interpretação dos Preteristas quanto na dos Históricos. Os Preteristas mantêm a idéia dos Professores Racionalistas. Ninguém, na Igreja dos primeiros séculos, acreditou nisso. Pois isso limitou os horizontes de João a ver somente a perseguição dos Cristãos por Roma. Isso reduz a profecia a um simples valor alegórico, e meramente prediz a derrota dos romanos. Os Interpretadores Históricos, por outro lado, adormecem o mais solene aviso da Bíblia Sagrada direcionado às pessoas do final dessa era, com a finalidade de que não possamos conhecer o que a ira de Deus será. Sejamos, pois, esclarecidos a respeito do que a Bíblia realmente ensina.

Em I Coríntios 10:32 Paulo divide a humanidade em três principais categorias: Judeus, Gentios, e a Igreja de Deus. Durante os tempos do Velho Testamento não havia Igreja, pois ela foi estabelecida pelo Senhor somente no período do Novo Testamento. Uma vez que o livro de Apocalipse é o último livro da Bíblia e que por essa posição ele é a soma de todas as Escrituras, é natural que ele nos mostre como será o fim dessas três categorias de pessoas. Os Preteristas, no entanto, sustentam que o Apocalipse relata apenas a história passada das lutas da Igreja. Os Interpretadores Históricos também, limitam a profecia à experiência da Igreja depois do tempo de João. Ambos abraçam a Igreja e deixam passar os Judeus e os Gentios. Essa visão é muito parcial e faz da revelação de

Deus um livro imperfeito. Se concordarmos com as suas interpretações, nós seremos deixados na escuridão quanto ao futuro fim dos Judeus e Gentios. Mas nós devemos esperar ver no último livro da Bíblia (1) o caminho que a Igreja vai trilhar na terra e sua futura glória; (2) a proteção dos remanescentes dos Judeus por Deus ao longo da Grande Tribulação e o seu recebimento das bênçãos de Deus prometidas por meio dos profetas; e (3) o julgamento dos Gentios que pecaram e não creram, assim como a alegria desses Gentios que vierem ao Senhor.

Eu não vou argumentar qual é a interpretação certa e qual é a errada. É claro que deve haver uma verdadeira interpretação que esteja de acordo com todas as profecias do Velho e do Novo Testamento e que nos seja de proveito espiritual. Onde podemos encontrar essa verdadeira interpretação? Qualquer resposta está no livro em si. O que esse livro de Apocalipse nos conta é sobremodo confiável. Nós não precisamos gastar muito tempo pesquisando as interpretações e idéias das diferentes escolas. Nós podemos até mesmo deixar de lado tais termos como “os Preteristas” ou “os Futuristas”. A melhor maneira é buscar as escrituras diretamente. Pois eu creio que, nas páginas do livro de Apocalipse, nosso Senhor Jesus Cristo tem nos dado a chave para a sua própria interpretação.

A Chave Para Interpretar o Apocalipse

Em cada livro da Bíblia, há um versículo-chave, pelo qual todo o livro pode ser aberto. E por isso nós esperaríamos encontrar o verso-chave no Apocalipse a fim de termos também o esboço desse livro. Onde está esse versículo? O Senhor Jesus pessoalmente comandou João que escrevesse esse livro; então, vejamos como João recebeu essa comissão: “escreve, pois, as coisas que viste, e as coisas que são, e as coisas que serão depois dessas” (1.19). O Senhor deu a direção para João escrever três elementos: primeiro, as coisas “que [João] viste”; segundo, “as coisas que são”; e terceiro, “as coisas que serão depois destas”. E João escreveu de acordo. No momento em que ele estava para escrever, ele já havia tido uma visão; por isso, a primeira coisa que ele devia escrever era o registro da visão

que ele tinha acabado de ver. João continuou então a mencionar “as coisas que são” e concluiu com “as coisas que serão depois dessas”. E, assim, esse único versículo da Escritura faz alusão às coisas do passado, do presente e do futuro.

Três Principais Divisões do Livro de Apocalipse

Tomando isso como uma chave, então, o livro de Apocalipse deve ser dividido em três partes principais. Com vinte e dois capítulos no livro, como são feitas as três divisões? Antes de tocarmos na primeira e segunda divisões, comecemos olhando para a terceira divisão. Há um versículo no capítulo 4 que evidentemente indica que a terceira divisão começa naquele capítulo: “Depois dessas coisas,” disse João, “eu vi, e eis uma porta aberta no céu, e a primeira voz como de trombeta, que eu ouvi falar comigo, disse: sobe aqui, e te mostrarei as coisas que devem ser depois dessas” (4.1). “As coisas que devem ser depois dessas” devem ser coisas depois desses três capítulos. Apocalipse 1.19 indica que a terceira divisão fala das “coisas que devem ser depois dessas”, e as coisas que João viu do capítulo 4 em diante são de fato “as coisas que devem ser depois dessas”. Dessa forma, é evidente que a sua terceira divisão do Apocalipse começa no capítulo 4 (e desde que o livro tem apenas três divisões, a terceira divisão deve ser do capítulo 4 ao 22). Isso deixa apenas os primeiros três capítulos para a primeira e segunda divisões do livro. Apocalipse capítulo 1 é concernente ao que João viu. O versículo 11 diz “o que vês, escreve-o em um livro”, e no verso 19 João é ordenado que “escreve, pois, as coisas que viste”. Entre esses dois versículos João viu a visão, a qual constitui aquilo que ele viu. A primeira divisão do livro é, por isso, o capítulo 1. Desde que aprendemos que todo o livro pela sua própria indicação deve ser dividido em três divisões principais, e já que também aprendemos que a primeira divisão é o capítulo 1 e que a terceira divisão vai do capítulo 4 até o fim do livro, pode-se racionalmente concluir que a segunda divisão principal do livro deve ser os capítulos 2 e 3. Nesses capítulos nós

encontraremos “as coisas que são”, as quais são as coisas concernentes à Igreja.

João viveu na era da Igreja, e por isso a Igreja é reconhecida como “as coisas que são”. Os capítulos 2 e 3 dão a história profética da Igreja do seu começo ao seu fim. Começa com os Efésios abandonando o seu primeiro amor (2.4) e termina com os Laodicences sendo vomitados da boca do Senhor. A historia inteira da Igreja está dessa forma sendo delineada por essas sete igrejas locais. Desde que “as coisas que devem ser depois dessas” seguem “as coisas que viste” e “as coisas que são”, os conteúdos registrados do capítulo 4 em diante devem esperar até que a história da Igreja possa ser cumprida para que sejam cumpridos. Embora hoje o fim esteja de fato se aproximando, nós devemos admitir que a Igreja ainda existe na terra; e que, dessa forma, o seu tempo ainda não está totalmente cumprido.

Esse é o ensino das Escrituras. Apocalipse 1.19 é de fato a chave que destranca o mistério que rodeia esse livro. E, a partir deste verso, nós temos agora obtido uma verdadeira interpretação.

A Mensagem, o Estilo e a Natureza do Livro de Apocalipse

Embora Cristo seja o tema desse livro, também são registradas as coisas do fim dessa era. Todas as coisas que estão para acontecer levam ao tratado do reino de Deus. Por isso, esse é um livro de profecia.

Essa natureza profética é claramente definida tanto no início como no fim do livro (ver 1.3; 22.7,18,19). Através de muitas visões, a mensagem desse livro prediz os eventos que se aproximam.

Os iniciantes podem ficar confusos pelos muitos símbolos nesse livro. Eles podem considerá-los muito alegóricos para serem entendidos. No entanto, realmente não é tão difícil como possamos pensar. Embora haja muitos símbolos, muitos deles já foram explicados no próprio livro. Os leitores deveriam consequentemente confiar no poder de Deus e ler a Sua palavra com diligência e paciência. Se é necessário paciência na busca por conhecimentos mundanos, quanto mais paciência é preciso ter na busca

pelas coisas espirituais!(GT) Há pelo menos 14 símbolos que já foram explicados. E os não explicados talvez nem excedam esse número.

(1) Candeeiros simbolizam as igrejas (1.20).

(2) As estrelas são os mensageiros (ou anjos) das igrejas (1.20).

(3) O fogo representa o Espírito Santo (4.5).

(4) Chifres e olhos também representam o Espírito Santo (5.6).

(5) O incenso simboliza as orações dos santos (8.3, 4).

(6) Dragão fala de Satanás (12.9).

(7) Os sapos são os espíritos imundos (16.13).

(8) A Besta tipifica um rei (17.12).

(9) As cabeças da besta correspondem a colinas (17.9).

(10) Os chifres da besta correspondem a reis subordinados (17.12).

(11) As águas representam povos (17.15).

(12) A mulher simboliza a grande cidade (17.18).

(13) Linho fino representa a justiça (19.8).

(14) A esposa do Cordeiro é a cidade de Deus (21.9, 10).

Por isso, não tratem esse livro como se fosse de símbolos. Embora haja mais de trinta símbolos, a metade deles já foi explicada. Em média, há menos de um símbolo por capítulo para ser encontrado; e, consequentemente, o livro de Apocalipse verdadeiramente não pode ser rotulado como um livro de símbolos. As profecias em suas páginas são de dois tipos: direta e indireta. As profecias indiretas têm a forma de símbolos; mas, como já mencionamos, esses símbolos não foram colocados em total escuridão, já que metade deles já foi explicada. Dessa forma, os leitores não deveriam ficar intimidados por esses símbolos, mas deveriam distinguir os explicados dos não-explicados, e procurar descobrir os seus significados.

A despeito da adoção dos símbolos como um estilo de escrita, nós não devemos espiritualizar o livro em todo. Nós devemos manter em mente uma coisa importante: o Apocalipse é um livro aberto (ver 22.10), não é como Daniel, que é um livro selado (ver 12.4). É chamado “a Revelação de João” e, por essa razão, todas as coisas registradas nele estão abertas para serem entendidas. É escrito de acordo com fatos, e por isso pode ser tomado literalmente. Assim como os conteúdos futuros registrados no fim do livro são milagres atuais, como ressurreição, arrebatamento, aparecimento, e assim por diante, as coisas dadas na parte inicial do volume devem também ser atuais – nesse caso, punições – desde que esse é um livro de unidade. Nós ouvimos que há 119 profecias no Velho Testamento a respeito do Senhor Jesus. Como estão cumpridas essas profecias? Toas elas estão cumpridas literalmente. Por exemplo, uma virgem dando à luz um filho, Belém, a vinda do Egito, as trinta peças de prata, e assim por diante, foram todas literalmente cumpridas.

Além desses símbolos, o resto do livro contém os dizeres evidentes de Deus. Nós aprendemos que significados espirituais e ensinamentos estão implícitos. Mas essas partes figurativas devem ser explicadas literalmente. Por exemplo, na abertura do sétimo selo, nós descobrimos que sete anjos estão prontos para soprar as trombetas. No soar das sete trombetas há saraiva e fogo, sangue, montanha, mar, estrelas, lua e sol, e assim por diante. Por um lado, tudo isso deve ser tomado literalmente, embora ainda possamos derivar muitos significados espirituais e ensinamentos disso. Por outro lado, não devemos aceitar meramente os seus significados espirituais e rejeitar o horror das punições literais. Aqui nós vemos a sabedoria de Deus. Ele esconde significados espirituais na carta para que também aqueles que têm aprendido de Deus possam descobrir o mais profundo ensinamento por trás dela. No entanto, esses crentes comuns também podem aprender diretamente a respeito do verdadeiro fenômeno das futuras tribulações. A palavra de Deus é revelada a bebês (Mat. 11.25). Como pode um bebê entender o livro de Apocalipse se é tão profundo como algumas pessoas dizem? Nós louvamos ao Senhor, por que a despeito de algumas passagens difíceis no

Apocalipse, muitas delas são para aplicação literal, e por isso bebês em Cristo podem entender o livro. Nós também louvamos ao Senhor porque, embora o livro de Apocalipse seja tão singelo que os crentes comuns possam conhecer muito a respeito dele, da mesma forma oferece muitos materiais para pesquisa ao melhor dos cérebros humanos. Nosso Deus é de fato Deus!

O caráter do livro de Apocalipse é justo, do início ao fim manifesta a justiça de Deus. Não é fácil encontrar nele a graça de Deus; mesmo com a Igreja, ele revela a estreita disciplina do Senhor. É, de fato, um livro de julgamento. Nele nós vemos como Deus julga a sua Igreja, os Judeus, e as nações. Ele revela o Senhor Jesus e manifesta o seu julgamento

Devido ao seu caráter ser diferente dos outros livros do Novo Testamento, muitas pessoas julgam o Apocalipse muito difícil para entender. No entanto, não é realmente difícil de saber. A Igreja tem falhado, então o Senhor só pode recorrer ao julgamento. O registro dos capítulos 2 e 3 é a sombra do iminente julgamento de Cristo (2 Cor. 5.10). Com exceção dos capítulos 4 e 5 que narram conteúdos de transição, todo o registro do capítulo 6 através do capítulo 19 pertence ao tempo do último sete dos setenta setes de Daniel. Os setenta setes Daniel caem dentro da dispensação da lei. A dispensação da graça foi inserida entre o sexagésimo nono sete e septuagésimo sete. Assim que a dispensação da graça é concluída, o septuagésimo sete começa, e ainda pertence à dispensação da lei. Por isso todas as coisas mencionadas do capítulo 6 através do capítulo 19 voltam à dispensação da lei. Não é de admirar que o seu caráter seja tão justo.

Devido ao seu caráter justo e legal, o livro carrega nele muito do tempero judaico. Nesse livro a Igreja é apresentada em termos um tanto diferentes do que é descrita nos escritos de Paulo. Embora o livro de Apocalipse seja escrito em grego, como nos escritos de Paulo, o livro emprega muitos Hebraísmos – como Abadom, por exemplo, e assim por diante. Até mesmo os nomes do nosso Senhor têm conotações judaicas, como Jeová Deus. O Evangelho de Mateus cita o Velho Testamento 92

vezes; o livro de Hebreus cita-o por volta de 103 vezes; mas o livro de Apocalipse faz isso cerca de 285 vezes! Isso prova que o livro de Apocalipse mostra como Deus há de retornar ao território do Velho Testamento, de acordo com o qual tratará com as nações e com os judeus. Não esqueçamos que a salvação vem dos judeus. Por essa razão os santos do Senhor devem aprender a amar os Judeus e a não rejeitá-los. Nós devemos amar os eleitos do Senhor.

Salvação e Recompensa

Nós agora vimos que o livro de Apocalipse é um livro de justiça. Todavia, para que possamos apreciar seus justos efeitos, precisamos fazer uma distinção entre salvação e recompensa. A palavra de Deus apresenta uma clara distinção entre essas duas palavras. Aquilo que Deus dividiu, que o homem não ajunte. Consideremos esse assunto cuidadosamente e vejamos o contraste entre elas.

A salvação é aquilo que é dado de graça. Não é obtida por meio das obras do homem. Pois é Deus que nos dá graça, e não é na base do nosso mérito.

“Ó vós todos os que tendes sede [aponta para o pecador], vinde às águas [aponta para a salvação de Deus], e vós que não tendes dinheiro [aponta para as obras e ou atos de justiça]; vinde, comprai e comei [significa que todos os pecadores podem crer e serem salvos]; sim, vinde e comprai vinho e leite [significa a alegria da salvação] sem dinheiro e sem preço [aponta para o fato de que não há necessidade de bons feitos, desde que não depende da bondade de alguém]” (Is. 55.1).

“O dom de Deus” (João 4:10).

“O dom gratuito de Deus é a vida eterna” (Rom. 6.23).

“Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus; não vem das obras, para que nenhum homem se glorie.” (Ef. 2.8, 9).

“Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito; mas, segundo a sua misericórdia ele nos salvou” (Tito 3.5).

“E quem quiser tome de graça da água da vida” (Apoc. 22.17).

Através desses versos que foram citados e por muitas outras passagens da Escritura que não foram citadas, é provado sem nenhuma dúvida que nós recebemos nossa salvação gratuitamente e não pelas nossas obras ou atos de justiça; nós somos salvos pela graça de Deus, o dom gratuito de Deus. Tudo o que fazemos é crer. Pois a obra da salvação é completamente operada por nós pelo Senhor Jesus. A Sua morte na cruz consumou a nossa salvação. Para que agora sejamos salvos e recebamos a vida eterna, não há necessidade de que executemos mais obras ou que acrescentemos mais méritos, mas simplesmente que creiamos e recebamos. Isso porque nenhuma das nossas boas obras é aceitável para Deus. Ao longo de todo o Novo Testamento há cerca de 150 menções do tipo: crê, e serás salvo; crê, e terás vida eterna; crê, e serás justificado. Assim que nós cremos, somos salvos, recebemos vida eterna, e somos justificados. Isso tudo é dado gratuitamente: “... o testemunho é esse, que Deus nos deu a vida eterna, e esta vida está no Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1 João 5.11, 12). Todos os que recebem o Senhor Jesus como Salvador pela fé têm vida eterna, de acordo com a Palavra de Deus. Verdadeiramente, “aquele que crer no Filho tem vida eterna” (João 3.36). Crê e terás!

A recompensa, no entanto, é um assunto diferente. Não é algo que recebemos de graça; deve ser obtida através das boas obras. É dada de acordo com os atos de cada santo. Vejamos as seguintes Escrituras.

“Meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra” (Apoc. 22.12). Note que essa palavra é dita à Igreja (ver v.16).

“Cada um receberá a sua recompensa de acordo com o seu próprio trabalho” (1 Cor. 3.8).

“E, tudo quanto fizeres, fazei-o de coração, como ao Senhor e não aos homens; sabendo que do Senhor recebereis o galardão da herança... Mas aquele que fizer agravo receberá o agravo que fizer” (Col. 3.23-25).

“Ora, àquele que faz qualquer obra, a recompensa não é reconhecida como graça” (Rom. 4.4).

Há muitas outras Escrituras que poderiam ser citadas, mas essas acima são suficientes para provar que a recompensa não é recebida de graça. De acordo com o ensinamento bíblico, a recompensa é acrescentada às boas obras do crente. Por mais insignificante que seja um copo de água (Mat. 10.42), ou por mais oculto que seja o conselho do coração, (1 Cor. 4,5) ou por mais humilde que seja o serviço de alguém (Marcos 10.43) ou por mais desconhecido seja o sofrimento por amor do Senhor (Luc 6.22)–todas essas obras ou atitudes ainda poderão ter a oportunidade de serem recompensadas. (cf. Luc 6.23).

De acordo com a Bíblia, o alvo que é colocado diante de uma pessoa é duplo: quando nós somos ainda pecadores, nosso alvo é a salvação; depois de termos sido salvos e nos tornado crentes nosso alvo é a recompensa. Pois a salvação é para os pecadores, enquanto que a recompensa é para os crentes. Os homens devem primeiro receber a salvação, e então sair à busca da recompensa. Os que perecem precisam receber salvação; e os salvos precisam ganhar a recompensa. Ao lermos Coríntios 9.24-27 e Filipenses 3.12-14, nós podemos prontamente ver que alguns crentes falham em obter a recompensa. Por que nessas duas passagens, Paulo fala sobre recompensa e não sobre salvação. Ele sabe muito bem que ele é salvo. Na suas outras epístolas, ele frequentemente se expressa como alguém que recebeu graça. Mas nessas duas passagens, ele nos fala daquilo que ele está buscando depois de ter sido salvo, e isso é a recompensa. Nesse momento ele não ousa dizer que com certeza ele atingiu a salvação; pelo contrário, ele ainda a persegue. Os pecadores devem buscar a salvação, ao passo que os salvos devem buscar a recompensa.

Não importa o quão corrupto um pecador pode ser, se ele deseja crer no Senhor Jesus como Salvador, ele será instantaneamente salvo. Uma vez salvo e regenerado, ele deve procurar desenvolver essa nova vida nele e servir ao Senhor fielmente a fim de que possa obter a

recompensa. Ele é salvo por meio da obra de Cristo, ele é recompensado pelas suas próprias obras. Ele é salvo por meio da fé; ele é recompensado pelas obras. Deus quer salvar um pecador indigno, mas Ele não recompensa um crente indigno. Antes que alguém conheça ao Senhor, se ele quer reconhecer a si mesmo como pecador, e se ele vir ao Senhor Jesus e crer na Sua morte substitutiva na cruz, ele será salvo e a benção eterna será garantida para ele. Mas, de acordo com as Escrituras, depois de ter sido salvo ele será colocado por Deus na carreira da vida para que ele possa trilhá-la. Se ele vencer, será recompensado. Se ele for derrotado, não será recompensado. No entanto ele não perderá a vida eterna por causa da sua derrota. Pois a salvação é eterna. Aqui nós encontramos o mais equilibrado ensinamento, a perfeita verdade. Infelizmente, algumas pessoas conhecem apenas a salvação. Eles se contentam com meramente terem sido salvos e não se importam com a recompensa.

Quão triste é que as pessoas tenham misturado salvação com recompensa. Eles julgam que a salvação é mais difícil, exigindo seus supremos esforços de autodisciplina para atingi-la. Mas esse não é o ensinamento da Bíblia. As Escrituras consideram a salvação como aquilo que é mais fácil de alcançar; pois o Senhor Jesus, por Sua própria iniciativa, já cumpriu tudo por nós. Mas as escrituras consideram a recompensa como aquilo que é um tanto difícil de obter porque depende das obras que, por nossa própria iniciativa, cumprimos através de Cristo.

Vamos ilustrar essa questão dessa forma. Suponhamos que um homem rico abre uma escola gratuita. Todos os que a freqüentam são livres de todas as despesas já que esse homem rico paga por todas elas. Mas aqueles que alcançam excelência em aprender recebem uma recompensa especial. Da mesma forma, a salvação pode ser comparada com entrar nessa escola gratuita. Todos os que querem vir ao Senhor Jesus são salvos porque Ele mesmo pagou o custo da salvação. É muito fácil tornar-se um estudante nessa escola gratuita, já que não custa nada. Simplesmente vir já é suficiente. Da mesma maneira, então, a salvação é o mais fácil. Ninguém precisa fazer nada, a não ser crer. Mas para aquele que já é contado entre os estudantes, obter recompensa não é tão fácil;

ele deve trabalhar duro. Similarmente, não é tão fácil para um crente ganhar as recompensas divinas; ele deve ter boas obras.

Que nenhum leitor pense que é o suficiente ser salvo e deixe de buscar a recompensa da mesma forma. Para qualquer pessoa verdadeiramente nascida de novo, o Senhor a está chamando para perseguir a excelência espiritual – para obter recompensa. E deveria ser para ele uma coisa natural persegui-la e obtê-la. Ainda que não para seu próprio benefício, mas para ganhar o coração e a alegria de Deus. Pois qualquer que é recompensado pelo Senhor tem alegrado o Seu coração. Assim como um pecador deve ser salvo, também um crente deve ser recompensado. A recompensa para um crente é tão importante como a salvação para um pecador. Se um santo fracassa em alcançar a recompensa, não significa que ele sacrificou o seu lucro, mas apenas indica que a sua vida não é santa, seu labor não é fiel e que ele não tem manifestado o Senhor Jesus durante os seus dias de peregrino.

Ensinamentos recentes têm oscilado entre dois extremos. Alguns julgam a salvação como sendo algo tão difícil que demande muito das pessoas. Dessa forma, eles anulam a morte substitutiva e a obra da redenção do nosso Senhor Jesus. Tal ensinamento põe toda a responsabilidade no homem e ignora aquilo que a Bíblia diz sobre nós sermos salvos pela graça através da fé. Alguns outros pensam que, já que tudo é de graça, então todos os que crêem no Senhor Jesus serão não apenas salvos mas também recompensados com glória e reinarão no futuro com o Senhor Jesus. E assim eles lançam toda a responsabilidade sobre Deus e negligenciam o que é observado nas Escrituras: que alguns crentes – apesar de serem salvos – sofrerão perda, todavia pelo fogo. (1 Cor. 3.15).

No entanto, há um ensinamento mais equilibrado aqui. Antes que um crente seja salvo, o Senhor Ele mesmo carrega a sua responsabilidade; depois que o pecador crê, ele deve carregar a responsabilidade por si próprio. A obra da salvação é totalmente operada pelo Senhor por ele, então crer já é o suficiente. Mas essa questão da recompensa depende apenas das obras do crente, e, portanto crer somente não é adequado.

Assim como um pecador não pode ser salvo por boas obras, um santo não pode ser recompensado por apenas crer. A salvação é baseada na fé; a recompensa é julgada pelas obras. Sem a fé, não há salvação; sem obras, não há recompensa. Se estudarmos cuidadosamente o Novo Testamento, nós perceberemos o quão claramente Deus separa a salvação da recompensa. A salvação é para os pecadores, mas a recompensa é para os santos.(GT) Ambas são dadas divinamente: pecadores devem ser salvos e santos devem ser recompensados. Deixar passar qualquer uma delas causaria grande perda. Não misturemos, então, salvação e recompensa.

O que é salvação? É não perecer, mas ter vida eterna. Isso é o que todos nós conhecemos. No entanto, isso não determina nossas posições na glória, já que isso é determinado pelas recompensas. O que é recompensa? Pelas Escrituras podemos ver que recompensa é reinar com Cristo durante o reino milenar. Todo o crente tem a vida eterna; mas nem todo crente será recompensado com o direito de reinar com Cristo. O reino dos céus no Evangelho de Mateus aponta para a parte celestial do reino milenar – ou seja, aponta para o nosso reinado com Cristo. Todo o leitor cuidadoso do Evangelho pode ver a diferença entre vida eterna e o reino dos céus. Para ter vida eterna é requerido apenas fé, mas para ganhar o reino dos céus demanda violência a si mesmo (ver Mat. 11.12). Assim como ser salvo é ter vida eterna, ser recompensado é entrar no reino dos céus.

Apressemo-nos em direção a esse alvo. Que Deus nos habilite para abandonarmos tudo por amor dEle, a fim de que recebamos o Seu galardão. Ser salvo é algo presente e instantâneo, porque está escrito na palavra de Deus que aquele que crê tem a vida eterna (veja o Evangelho de João). A recompensa é algo no futuro, pois a Escritura diz que quando o Senhor vier, “então cada homem receberá o seu louvor de Deus” (I Cor. 4.5). Salvação é agora, galardão é depois. Não misturemos os dois, porque há uma grande diferença entre os princípios que governam salvação e recompensa. A salvação mostra a graça de Deus porque Ele não nos recompensa de acordo com nossos pecados, antes salva todos nós que cremos no Senhor Jesus. A recompensa expressa a justiça de Deus porque

Ele recompensa os santos de acordo com as suas boas obras. Qualquer que o servir fielmente receberá recompensa.

Nunca esqueçamos de que o nosso Deus não é apenas gracioso, nem apenas justo; o Seu caráter revela tanto graça quanto justiça. Salvar pecadores é o Seu ato de graça; recompensar os santos é o Seu ato de justiça. Nós anteriormente observamos que o livro de Apocalipse expressa a justiça de Deus. Saber a diferença entre salvação e recompensa é essencial para o entendimento desse livro. Senão seria difícil explicar o justo tratamento de Deus com os santos que é delineado nestas páginas.

Através de João, Deus deu a palavra da vida eterna. No seu Evangelho, ele mostra o caminho para a vida eterna. Nas suas epístolas, ele descreve as manifestações da vida eterna. Mas no livro de Apocalipse, ele revela o julgamento dos salvos. E por essa razão o último livro da Bíblia toca muito pouco na questão da salvação dos que crêem e toca muito fortemente na questão da sua recompensa. Suas páginas falam de justiça, e o galardão é um ato de justiça de Deus. Ao lermos os capítulos 2 e 3 nós não vemos a questão da salvação, mas vemos a vida cristã, as obras dos crentes e a sua vitória. Tal conhecimento nos ajudará a entender o sentido não apenas desses dois capítulos, mas também de todo o livro.

Quatro Julgamentos

Havendo estabelecido a diferença entre salvação e recompensa, nós agora podemos tocar em um problema relacionado – o assunto do julgamento. Sem julgamento, como pode ser determinado quem é salvo e quem não é? Sem julgamento, como se pode saber quem será recompensado e quem sofrerá perda? A Bíblia revela para nós quatro tipos de julgamento: (1) o Senhor Jesus foi julgado por nós na cruz; (2) os crentes serão julgados de acordo com as suas obras diante do trono do julgamento de Cristo; (3) as nações serão julgadas na terra (Mat. 25.31-46); e (4) o julgamento de Deus sobre os mortos (ou, o julgamento do grande trono branco) (Rev. 20.11-15). Desses quatro julgamentos, um já passou, mas três estão vindo no futuro. Todos os que quiserem crer no Senhor Jesus Cristo como seu Salvador terão seu problema dos pecados

resolvido para sempre, e isso é o efeito de Cristo ter sido julgado pelos pecados na cruz. Portanto, eles são salvos, eles receberam a vida eterna, e não mais serão julgados (ver João 3.18, Rom. 8.1). Eles não serão mais julgados pelos pecados porque o Senhor Jesus já sofreu por eles na cruz.

Mas apesar do fato de que os crentes não serão julgados pelos pecados, a Bíblia indica que eles ainda serão julgados (2 Cor. 5.10; Rom. 14.10-12; Mat. 25.14-30; 1 Cor. 3.10-15; etc.). Que julgamento é esse? Não é aquele que julga se alguém é salvo ou perece, já que essa questão já foi resolvida pelos crentes através da cruz. Além do mais, 1 Coríntios 3.15 declara que nesse julgamento não há perigo de que alguém pereça. Por essa razão, esse julgamento é aquele julgamento das obras dos santos. O julgamento da cruz conclui a nossa vida como pecadores. O trono do julgamento de Cristo conclui as nossas vidas como crentes.

Diante do trono de julgamento de Cristo nós seremos examinados de acordo com as vidas que vivemos do dia em que primeiro cremos no Senhor em diante. Pecados que foram confessados não serão mencionados. Alguns crentes terão servido o Senhor fielmente – tendo sofrido muito e abandonado todas as coisas, tendo feito a vontade Deus sem nenhum motivo que não fosse agradá-lO. Essas pessoas serão recompensadas e reinarão com Cristo em glória indizível. Quão grande e bom isso será! Pois o coração do Senhor será agradado, e eles receberão glória. Busquemos isso! Alguns outros poderão ter hesitado algumas vezes, mas se eles confessarem os seus pecados, o precioso sangue os limpará a fim de que eles possam renovar a sua busca e seguir o Senhor ao longo do caminho estreito da cruz. Esses dois receberão o Seu galardão. Quanto aos outros, no entanto, eles podem não ter pecado, mas as suas obras são como madeira, feno e palha, já que eles buscaram pela aprovação de homens e trabalharam com um motivo duplo. Esses não serão recompensados de maneira nenhuma, mas sofrerão tremenda perda. E ainda haverá outros que, depois de terem sido salvos, continuaram cometendo muitos pecados – sem confessá-los ou se arrepender deles; tais pessoas receberão punição em lugar de recompensa. Embora a sua salvação eterna seja uma questão inabalável,

eles serão severamente disciplinados pelo Senhor. Apocalipse 1-3 revela atitude do senhor julgando os Seus santos. É o prelúdio do trono do julgamento de Cristo.

O terceiro desses quatro julgamentos – o julgamento das nações – será determinado pela maneira como cada nação terá tratado os Judeus durante a Grande Tribulação. Esse julgamento acontecerá no final da Tribulação, mas antes do começo do reino milenar. Aquilo que Apocalipse 16.12-16 e 19.11-21 descrevem que acontecerá faz referência a esse julgamento.

O quarto e final julgamento é aquele do grande trono branco – que é o julgamento de Deus sobre os mortos (ver Apoc. 20.11-15).

Já que o livro de Apocalipse fala tanto de julgamento, estar inteirado acerca desses julgamentos encontrados nas Escrituras nos ajudará a entender os diferentes julgamentos mencionados nesse livro final da Bíblia.

Os Significados dos Números

“Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Tim. 3.16). Deus usa muitos números na Bíblia; para aqueles que amam a Sua palavra esses números são cheios de significado. O propósito de Deus não é dar ao homem histórias maravilhosas para contar, mas é abençoar as Suas crianças. Não seria uma perda espiritual se as crianças de Deus não percebessem os significados escondidos nesses números da Bíblia? Parar as pessoas comuns, esses significados podem parecer arbitrários; mas para os que são de Deus, nada é acidental; porque a mão de Deus está, sem dúvida, por trás de cada um deles. Já que Deus se agrada de usar números, nós não devemos ser tão cegos a ponto de não descobrir os seus significados. O livro de Apocalipse usa mais números do que os outros livros da Bíblia. A fim de podermos dividir a palavra de Deus de maneira correta, é imperativo que primeiro entendamos os significados desses números nas Escrituras.

A Bíblia emprega os números de 1 a 7 como as raízes básicas de todos os outros números bíblicos. Todos os outros números derivam o seu significado e explicação desses sete números básicos. “7” é um número perfeito; e isso é sabido e reconhecido por muitos. “8” não é um numero independente. O “7” forma um ciclo e o “8” é o começo de outro ciclo. Todos os números maiores que 7 são formulados a partir desses sete números básicos através da adição ou multiplicação. Por exemplo: o numero “10” vem do numero 5 multiplicado por dois; o numeral “12” vem da multiplicação dos números 3 e 4; o número “40” é a multiplicação de 5,2 e 4. Vejamos agora um pouco desses numerais.

O Número “1”

O “1” é o número de Deus: “Ouve, ó Israel: o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Deut. 6.4); “há um só Deus” (1 Tim. 2.5). 1 representa independência, que não admite mais ninguém; expressa o poder de Deus. O 1 implica em uma suficiência que não precisa de mais ninguém; mostra a abundância de Deus. 1 é o começo de todos os números; demonstra a grandeza de Deus. Pois Ele é a fonte de todas as coisas. Ele é único. Ele é o Cabeça de todas as coisas. Nós receberemos muita ajuda se olharmos para a maneira como o “1” é usado na Bíblia.

A Páscoa marca o início dos meses; é o primeiro mês do ano (Ex. 12.2). Isso aponta para a redenção de Deus. A obra redentora do Calvário encabeça todas as coisas. Aquilo que Deus criou no primeiro dia foi a luz; isso é o poder de Deus. O primeiro livro da Bíblia é Gênesis, o qual revela a glória e o poder de Deus. Todos os primogênitos dos filhos dos Israelitas pertencem ao Senhor, pois eles são santos ao Senhor (Ex. 22.29). As primícias do solo devem ser trazidas à casa de Deus, pois Ele deve ser servido primeiro (Ex. 23.19). infelizmente, muitos dos filhos de Deus não percebem que Ele é o Um e que por isso eles devem honrá-lO como o Primeiro. Nós devemos deixá-lo ter a preeminência em todas as coisas (Col. 1.18).

1 também fala de harmonia ou unidade: “O sonho de Faraó é apenas um” (Gen. 41.25).

1 também significa paz: “para que eles sejam um, assim como nós somos” (João 17.11). Isso mostra um relacionamento. Além disso, podemos dizer que já que o 1 é o fundamento de todos os numerais, é o número de Deus. Tudo começa no 1; Deus é o começo de todas as coisas. 1 é a unidade fundamental, a soma de todos os números; e por isso Deus tem guardadas nEle todas as coisas. Nenhum numeral precede o 1, e por isso ele representa o Deus absoluto nos céus.

Embora esse numeral seja primeiramente para Deus, quando é aplicado ao homem traz um sentido de maldade. Ele pode estar falando da sua independência desobediência e rebelião.

O Número “2”

Deus é três em um e um em três. Na Trindade, o santo Filho é a Segunda pessoa. Por isso, “2” é o número do Senhor Jesus. Ele é chamado de “o Segundo homem” (1 Cor. 15.47). Ele tem duas naturezas – a divina e a humana. Suas obras tem dois estágios-sofrimentos e glória. Quando lemos o livro de Levítico, descobrimos que uma pessoa que comete um pecado deve trazer duas rolas ou dois pombinhos para Deus como oferta pelo pecado: um é para ser oferecido como oferta pelo pecado e o outro como oferta queimada. (Lev. 5.7). Uma oferta pelo pecado é oferecida pelo pecado; uma oferta queimada é oferecida pela pessoa. Deus perdoa o pecado e aceita a pessoa. Isso também é de dupla face. Tudo isso representa a salvação do Senhor Jesus. O número 2 é também o número da salvação. A segunda pessoa na divindade - o Senhor Jesus - é o Salvador do mundo.

O 2 também fala de adição, ajuda e irmandade: “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se caírem, um levanta o companheiro; ai, porém, do que estiver só; pois, caindo, não haverá quem o levante. Também, se dois dormirem juntos, eles se aquentarão; mas um só como se aquentará? Se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; o cordão de três dobras não se rebenta com facilidade.” (Ec. 4.9-12).

2 também é um número de testemunho. O testemunho de dois diferentes indivíduos é verdade. Por favor Deuteronômio 17.6, 19.15, Mateus 18.16, 2 Coríntios 13.1, e 1 Timóteo 5.19. O testemunho de Deus para os homens é visto no Velho e no Novo Testamento. Os nomes dos discípulos são dados de dois em dois. (Mateus 10.2-4). Os discípulos foram enviados de dois em dois para levar o testemunho. As tábuas do testemunho eram duas em número. Durante a Grande Tribulação, haverá duas dramáticas testemunhas (Apoc. 11.3). A segunda pessoa da divindade é a Palavra de Deus e a Fiel Testemunha (Apoc. 19.13; 1.5).

O 2 tem outro significado: fala de divisão, diferença e contraste. Por exemplo, durante o segundo dia da criação, Deus dividiu as águas das águas. Os animais entraram na arca em pares. (Gen. 6.19,20). Uma mulher que desse à luz um menino ficaria impura por duas semanas, dobrando os dias se fosse uma menina. (Lev. 12.5).

O 2 tem ainda outro significado: é o número da produção. O 2 é o primeiro número que aparece depois de ser adicionado 1 ao número 1; no, entanto, não é um número perfeito. Mais números podem ser adicionados a ele para aperfeiçoá-lo. O Santo Pai e o Santo Filho não são completo sem que haja o Espírito santo na Trindade. O Marido e a esposa são unidos em um, mas aos olhos de Deus a família não é completa enquanto não for adicionada uma criança.

O Número “3”

O 3 é o número da plenitude pessoal. É o número da Divindade, do Deus triuno. É formado de 1+1+1. Mas se os 1 são multiplicados (1x1x1) o resultado ainda é 1. Por isso Deus é 1 em 3 e 3 em 1. Na geometria duas linhas não formam um cubo. Por isso o 2 é um número incompleto enquanto que 3 é o primeiro número completo. Portanto, representa a Deus. Um homem completo é formado de espírito, alma e corpo. Uma família completa é formada de pai, mãe e criança. Uma fé completa é composta de conhecimento, obras e experiência.

O 3 também é um número de ressurreição. O Senhor Jesus ressurgiu no terceiro dia. A terra surgiu das águas no terceiro dia. Uma pessoa é nascida de novo através da pregação do evangelho que vem não apenas por palavras mas também pelo poder do Santo Espírito (I Ts 1.5). Jonas foi deixado no ventre do peixe por três dias. A restauração da nação de Israel também está conectada com o número 3 (José 6:1.2).

Esse número 3 é frequentemente relacionado a Deus; assim ocorre também quando as pessoas são batizadas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19). A benção do apóstolo Paulo também é baseada na fórmula triuna de 3 em 1 (II Co 13.14). O Senhor Jesus foi tentado três vezes; e Ele orou três vezes no Getsêmani. Pedro negou o Senhor três vezes; ele ouviu a pergunta do Senhor “Tu me amas?” três vezes; e três vezes lhe foi dito “ Apascenta minhas ovelhinhas” (Jo. 21:15-17). “Há três que testemunham” a respeito do Filho (I Jo. 5:8). Ao louvar a Deus, os serafins clamaram uns para os outros: “Santo, santo, santo” (Is 6:3). As quatro criaturas viventes também são vistas dizendo “Santo, santo, santo” (Rev. 4.8). a maior peça de mobília do tabernáculo é o altar, que é capaz de conter todo o resto da mobília do tabernáculo. O altar representa a cruz, que satisfaz a justiça de Deus. Ela tem três decúbitos de altura, o que significa que a justiça da cruz alcança o padrão de Deus. Quando Deus julgou o pecado dos homens em Cristo, os céus e a terra ficaram em trevas por três horas. De acordo com Hebreus 9:23-28, o Senhor Jesus aparece três vezes: na primeira vez, Ele apareceu para tirar o pecado (v.26); na segunda vez Ele aparece diante da face de Deus para interceder por nós (v.24); e, na terceira vez, ele aparecerá para aqueles que esperam por Ele, para a redenção dos seus corpos (v.28).

O Número “4”

“4” é o número do mundo. Deus divide os domínios do mundo em quatro reinos: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Os materiais representando o poder mundial na imagem de Nabucodonosor são ouro, prata, bronze e

ferro (Daniel 2). Os reinos do mundo, aos olhos de Deus, são como quatro bestas (Daniel 7).

4 pode ser visto como o número do mundo também nessas relações deste número com o mundo. O mundo tem quatro estações: primavera, verão, outono e inverno. Tem quatro cantos: leste, oeste, norte e sul (Números 2). Tem quatro elementos básicos: terra, ar,água e fogo. Tem quatro ventos (Ver 7:1). O rio que fluía do paraíso terrestre – o jardim do Éden – era partido, e se tornava em quatro rios (Gen. 2:10-14). As criaturas viventes que representam o mundo criado são quatro em número (Rev. 4:6). Em Ezequiel, nos é dito que os querubins, que são o mesmo que as criaturas viventes, têm quatro faces: de leão, de boi, de homem e de águia; e têm também quatro asas (cap. 1). A humanidade na terra é descrita de quatro formas: povos, multidões, nações e línguas (Rev. 17:15). As condições do coração do homem, de acordo com a parábola do semeador contada pelo Senhor Jesus, são de quatro tipos (Mat 13:3-9; 18-23). As tribulações que vêm como um julgamento sobre o mundo são também quatro em número: guerra, fome, peste e terremotos (Mat 24:6,7; conferir Lucas 21). O testemunho do Senhor Jesus é levado pelos quatro evangelhos, que revelam quatro aspectos de Cristo. No auge do pecado dos homens, os quatro soldados dividiram entre si as veste do Senhor Jesus (João 19:23). O altar levantado para os homens tem “quatro cantos”, com quatro pontas (Ex 27:1,2). O quarto dos dez mandamentos é o primeiro dos restantes, que tocam nas coisas do mundo (Êxodo). A quarta cláusula na chamada Oração do Senhor é também aquela que começa a tratar com assuntos pertencentes a essa terra (Mat 6:9-13). As coisas que Deus criou no quarto dia deveriam governar sobre os dias e noites da terra. O quarto livro da Bíblia, Números, relata a experiência no deserto, que é um tipo do mundo.

4 vem de 3+1; e 3 é o fundamento do 4. uma vez que 3 representa Deus, então o 4 representa os criados que dependem do Criador. 4 é o primeiro número que permite divisão simples, sendo que o 2 é o número que o

divide. Isso é, portanto, um símbolo de fraqueza. Os criados realmente não têm do que se gabar.

O Número “5”

“5” tem muitos significados, todos estreitamente relacionados. 5 é um número incompleto, e é o número da responsabilidade do homem diante de Deus. Devido ao fato de não ser completo, ele sugere responsabilidade. 5 é 4+1. 4 representa o homem criado, enquanto 1 representa o Deus independente. Sendo assim, 5 é o homem perante Deus. Consequentemente, por um lado, representa a graça de Deus para com o homem; por outro lado, representa a responsabilidade do homem diante de Deus. Abaixo de ter recebido a graça de Deus, o homem é naturalmente considerado responsável para Deus.

A não-plenitude do numeral 5 pode ser vista facilmente. Os cinco dedos das mãos e os cinco dedos dos pés do homem são apenas metade do número total de dedos das mãos e dos pés. No quinto dia Deus criou as criaturas viventes do mar, mas não havia ainda vida na terra. Na abertura do quinto selo, quão ansioso estão os mártires das eras pelo fato de não terem ainda recebido suas coroas (Rev. 6:7-11). A ira da quinta taça é derramada no trono da besta, mas o poder da besta ainda aguarda sua completa destruição (Rev. 16:10-11). Das virgens, cinco são sóbrias e cinco são tolas (Mat. 25:2); significando que na vinda do Senhor Jesus Cristo nem todos os salvos estão prontos.

5 também fala da responsabilidade do homem através da graça. A consagração de Aarão e seus filhos (Levítico 8) e a limpeza da lepra (Levítico 14) são cheias de significado. Sangue é aplicado na ponta da orelha direita, no polegar da mão direita, e no dedão do pé direito. Orelha, polegar e dedão são totalmente relacionados ao número 5. A orelha é um dos cinco órgãos; o polegar é um dos cinco dedos da mão, e o dedão é um dos cinco dedos do pé. Esses três representam a pessoa em sua totalidade – como ela deve usar sua orelha para ouvir a palavra de Deus, sua mão para fazer a obra de Deus, e seu pé para trilhar o caminho de Deus. Ele

primeiro recebe graça através da aplicação do sangue precioso. Então, tendo sido purificado pelo precioso sangue, todo o seu ser é responsável perante Deus para caminhar de forma digna da graça do seu chamado.

4 é um número fraco; sem que lhe seja adicionado o 1 para que se torne 5, não é capaz de tomar qualquer responsabilidade. Tome a ilustração da mão: embora os quatro dedos sejam um tanto vigorosos, se não existir o polegar, a mão não pode assumir responsabilidade. O Senhor Jesus usa cinco pães para alimentar cinco mil famintos (Mat 14:17); isso expressa a graça do Senhor. Davi escolhe cinco pedrinhas para abater Golias (I Sam. 17:40); isso expressa a responsabilidade do homem. O quinto livro da Bíblia, Deuteronômio, relata como as pessoas são responsáveis depois que Deus dá graça. O quinto reino do mundo será o reino do Senhor Jesus Cristo (Daniel 2:35,44; Rev. 11:15). Todos os que desejam entrar no Seu reino e reinar com cristo tem uma tremenda responsabilidade! Mateus 5-7 diz quais são as condições. Deuteronômio, o quinto livro da Bíblia, fala também de como as pessoas devem se comportar depois de haverem entrado na terra pronetida, que é um tipo do reino do nosso Senhor Jesus.

Pentecostes é o qüinquagésimo dia depois da Páscoa. Tipifica a vinda do Espírito Santo e a formação da Igreja com os Judeus e os Gentios (ver Levítico 23:15-21, onde os dois pães representam a Igreja composta de Judeus e de Gentios). As pessoas recebem o Espírito Santo pela graça; mas qualquer um que mentir ao Espírito Santo receberá severo julgamento, e isso é responsabilidade. O livro de Levítico usa cinco ofertas para representar o único e eterno sacrifício do Senhor Jesus, para o qual os homens são tornados responsáveis. As cortinas do tabernáculo são 5 em número, acopladas umas nas outras, e os pilares do painel são 5 em número. 5 é o número frequentemente usado no tabernáculo.

O Número “6”

“6” é o número do diabo. É também o número do homem, uma vez que o homem pecou ao ouvir a palavra do diabo; e, dessa forma, ele se uniu ao diabo. Antes do amanhecer, as trevas parecem ficar mais profundas; da

mesma forma, o número 6, antes do número completo “7”, é também o pior. 6 é um número que pode ser dividido; é, portanto, um número fraco. O homem, assim como o diabo, é sempre fraco. Aquele número é menor que o número 7; consequentemente, o homem e o diabo jamais podem vencer a Deus. Possam as pessoas sempre perceber que o seu número é 6.

O homem foi criado no sexto dia (Gen. 1). Os homens deveriam trabalhar seis dias por semana (Ex. 23:12). Um hebreu serve como escravo por apenas seis anos (Deuteronômio 15:12). A terra de Canaã deve ser cultivada sucessivamente por seis anos (Lev. 25:3). A história humana tem cerca de seis mil anos. Moisés esperou na montanha por seis dias antes que Deus aparecesse a ele (Ex. 24:15-18). Para subir ao trono, Salomão subia seis degraus (I Reis 10:19). As horas do dia podem ser divididas por seis. Atalia usurpou o trono por seis anos (II Reis 11:3). Em Gênesis 4:16-24, nós lemos que os descendentes de Caim são registrados até a sexta geração. A sexta carta à Igreja menciona a hora do julgamento sobre toda a terra (Rev. 3:10). O sexto selo revela a ira do Cordeiro sobre a humanidade (6:12). A sexta trombeta prediz a matança de um terço da população mundial (9:13). A sexta taça prepara o caminho para os reis do mundo – sob instigação de espíritos imundos – para a guerra contra Cristo (16:12). O nome humano do Verbo feito carne é Jesus, que no grego original é composto de seis letras. Seis vezes Jesus foi atacado por um homem possesso por demônio; como o homem natural está sempre pronto para atacar nosso santíssimo Senhor!

Quando o homem, debaixo da mão de satanás, se opõe a Deus, seu número frequentemente está conectado ao 6. Golias é o primeiro exemplo mencionado: sua altura era de seis cúbitos e um palmo, e a ponta de sua lança pesava seiscentos ciclos de ferro (I Sam. 17:4,7). A imagem de ouro de Nabucodonosor é o segundo exemplo: sua altura era de sessenta cúbitos, e sua amplitude de seis cúbitos (Dan. 3:1-3). O futuro anticristo é o terceiro exemplo: seu número será 666 (Rev. 13:18). Um pensamento confortante deve ser mencionado aqui: não importa o que o homem ou o diabo façam, seu número é apenas 6, enquanto que o número de Deus é

7; conseqüentemente, nem homens nem diabos podem se comparar a Deus.

O Número “7”

“7” é o número da perfeição. É formado pela adição 3+4. 4 representa o homem e 3 representa Deus. E, assim, tipifica a união de Deus com o homem. É, portanto, um número perfeito. (Note, porém, que 7 é também um número de perfeição temporária; “12” é o numero da perfeição permanente.) Esse número frequentemente faz alusão à proximidade de Deus e o homem, á união da criatura ao Criador.

Há numerosos exemplos do 7 como um símbolo de perfeição. O primeiro sete aparece no Sábado de Deus, um santo dia no qual Deus descansou (Gen. 2:1-3)-um descanso perfeito. Enoque é o sétimo depois de Adão (Judas 14)-um homem perfeito. Depois de Noé haver entrado na arca, Deus deu sete dias de graça (Gen. 7:4)-uma espera perfeita. Jacó serviu Labão por Raquel durante sete anos (Gen.29:20)-um serviço perfeito. O Egito teve sete anos de abundancia e sete anos de fome (Gen. 41)-perfeita graça e punição. O candeeiro de ouro no lugar santo tinha sete braços (Ex. 25:37)-uma associação perfeita. Aarão e seus filhos deveriam usar as vestes santas por sete dias (29:29,35)-perfeita santidade. Se alguém pecasse, o sacerdote deveria mergulhar seu dedo no sangue e aspergir o sangue sete vezes na presença do Senhor diante do véu do santuário por aquela pessoa (Lev. 4:6)-uma purificação perfeita. Aarão e seus filhos deveriam habitar no tabernáculo por sete dias (8:35)-uma habitação perfeita. O sangue do Dia da Expiação deveria ser aspergido sete vezes diante do propiciatório (Lev. 16:14)-uma redenção perfeita. Durante a festa dos pães asmos, uma oferta preparada pelo fogo deveria ser oferecida por sete dias (Lev. 23:8)-uma consagração perfeita. A Festa dos Tabernáculos era mantida por sete dias (Lev. 23:42)-glória perfeita. No sétimo ano a terra não deveria ser semeada (Lev 25:4)-um descanso perfeito. Na luta contra Jericó, antes da queda da cidade, sete sacerdotes sopravam sete trombetas enquanto o povo de Israel marchava ao redor da cidade por sete dias (Josué 6)-perfeita obediência e perfeita vitória.

Salomão construiu o templo em sete anos e manteve a festa da dedicação por sete dias (I Reis 6:38; 8:65,66)-uma obra perfeita e um louvor perfeito. Naamã banhou-se no Rio Jordão sete vezes (II Reis 5:14)-confiança perfeita. Jô teve sete filhos (Jô 1:2)-uma benção perfeita. Os amigos de Jó sentaram-se no chão e se lamentaram silenciosamente por Jó durante sete dias e sete noites (Jó 2:13)-tristeza perfeita. Depois, eles ofereceram sete bezerros e sete carneiros como oferta queimada (Jó 42:8)-um arrependimento perfeito. O Senhor Jesus falou sete palavras na cruz-expressões da graça perfeita. Sete diáconos serviam as mesas (Atos 6:3)-perfeito labor.

O Velho Testamento usa as set festas dos filhos de Israel para tipificar a maneira temporário como Deus tratará com o mundo. O Novo Testamento usa sete parábolas para revelar as condições dos mistérios do reino dos céus (Mateus 13). O livro de Apocalipse registra sete cartas para predizer as condições da igreja em vários períodos (Rev. 2 e 3). Todos esses , entretanto, são passageiros, e podem em breve desaparecer.

No livro de Apocalipse nós podemos perceber muitos setes. Um irmãos observou que o Apocalipse é o livro dos “setes”: tem sete visões, sete palavras de louvor ao Senhor Deus e ao cordeiro, sete espíritos diante do trono de Deus, sete candeeiros de ouro, sete lâmpadas de fogo, o Cordeiro tem sete chifres e sete olhos, sete anjos sopram sete trombetas, sete trovões, sete cabeças da besta, sete taças das sete pragas de Deus, e sete montanhas representando sete reis. Todos esses “setes” juntos, são usados no livro 56 vezes. Uma vez que esse livro dá o desfecho de como Deus irá tratar os homens na era final, esse número sete significa perfeição dispensacional, que é uma perfeição temporária.

O Número “8”

“8” é o numere da ressurreição. O Senhor Jesus ressuscitou dos mortos no primeiro dia da semana, que é o oitavo dia. Noé é a oitava pessoa preservada por Deus (II Pe. 2:5) e ele tem uma família de oito pessoas (I Pe. 3:20). Eles saíram da arca (a inundação representando a morte) e se multiplicaram e encheram a nova terra. Deus ordenou a Abraão que

circuncidasse todas as crianças do sexo masculino no seu oitavo dia de vida (Gen. 17:11-14). O significado da circuncisão é “a retirada do corpo da carne” (Col. 2:11). Isso concorda com “nós somos feitura [de Deus], criados em Cristo Jesus” (Ef. 2:10). Davi era o oitavo filho de Jessé (I Sam. 16:10,11), e ele estabeleceu o novo Israel. A leproso era limpo no oitavo dia (Lev. 14:10,23) e, assim, ele era considerado uma nova pessoa. O feixe das primícias era agitado diante do senhor no oitavo dia- ou seja, “na manhã depois do sábado” (Lev. 23:11). Cinqüenta dias depois era a Festa de Pentecostes (v.16), que significa a vinda do Espírito Santo e o começo da nova era. A Festa dos Tabernáculos durava sete dias, e no oitavo dia, havia uma santa convocação (v.36); assim como a festa tipifica o reino milenar, a santa convocação fala do novo descanso depois do reino milenar. Os sacerdotes eram também consagrados por sete dias, e no oitavo dia eles começavam seu novo ofício (Lev. 9:1). No oitavo ano, os filhos de Israel semeavam a terra novamente (Lev. 25:22). O Salmo 8 fala do reino do Senhor (cf, Heb. 2:5-9). A Transfiguração do nosso Senhor Jesus aconteceu no oitavo dia (Lucas 9:28), evento esse que prediz o Seu poder e Sua aparição (II Pe. 1:16-18). O nome “Jesus” em grego é composto de seis letras, todas elas carregando vários valores numéricos respectivamente. Se adicionarmos esses valores uns aos outros, o número total do nome grego para “Jesus” é 888. os discípulos se reuniram para partir o pão no primeiro dia da semana, que é o oitavo dia (Atos 20:7); esse é um novo dia para reunir-se. No oitavo dia, também, os discípulos davam suas ofertas (I Cor. 16:1,2), ação essa que não estava de acordo com o estatuto da Velha Aliança. As oito cabeças da besta terão a sétima cabeça ressuscitada (Rev. 17:11). O espírito imundo volta com outros sete espíritos mais malignos do que ele mesmo; então, oito deles entram de novo no coração daquele que não recebeu ao Senhor Jesus (Mat. 12:43,45). Três dos dez chifres da quarta besta mencionada por Daniel são destruídos, mas outro chifre, pequeninho, sobe como o oitavo chifre, que fala com palavras de blasfêmias (ver Daniel 7).

O Número “10”

“10” é o número da perfeição do mundo;é também a multiplicação dos números básicos “5” e “2”; e, portanto, representa a total responsabilidade do homem diante de Deus. Uma pessoa normal tem dez dedos nos pés e dês dedos nas mãos para trabalhar e para caminhar. Por causa da rebelião humana, Deus puniu os egípcios com dez pragas. No auge do poder das nações haverá dez reinos, que são sugeridos pelos dez dedos dos pés e pelos dez chifres (Dan. 2 e 7:7; Rev. 17:12). Há dez mandamentos dados a Israel como a sua responsabilidade diante de Deus. Efraim representa as dez tribos da nação de Israel e era, por isso, diretamente responsável diante de Deus; Efraim não era incluído em Judá. Após a Sua ressurreição, Cristo apareceu dez vezes. Quão grande era a responsabilidade daqueles que conheciam a Sua ressurreição!

A igreja em Esmirna terá tribulação de dez dias (Rev. 2:10). Os discípulos oraram por dez dias antes de serem batizados no Espírito Santo (Atos 1). As condições finais dos cristãos são representadas na parábola das dez virgens (Mat. 25:1,2); dentre as quais cinco são sábias e cinco são tolas, mas todas elas tem responsabilidade na chegada do noivo. A mulher com dez peças de prata (Luc. 15:8-10) mostra que o mundo inteiro (no momento da fala isso pode ter representado apenas os filhos de Israel) pertence a Deus. Os dez servos receberam dez cinco talentos com que deveriam negociar até que o Senhor voltasse (Luc. 19:13). Eles não deviam ser negligentes com aquilo que haviam recebido. O primeiro servo recebeu dez talentos, então ele foi recompensado com dez cidades. Deus requeriu dos filhos de Israel que dessem uma décima parte; isso prova a grandeza do Senhor, uma vez que tudo fora dado a eles por Ele. Dez é um número usado extensivamente no tabernáculo, no temploe de salomão, e no templo mencionado em Ezequiel; pois todos estão neste mundo (Ex. 26:27; I Reis 6; Ez. 40).

O Número “12”

“12” é o número de permanência. Como o número “7” representa perfeição temporária ou dispensacional, o 12 fala de perfeição permanente. 7 é feito do número básico “4” (homem) adicionado ao número básico “3” (Deus)-a união da criatura e do Criador. 12 é 4 multiplicado por 3; e, assim, é o criado sendo unido ao Criador. 7 representa a aproximação do homem e Deus, enquanto que o 12 fala de como Deus dá graça ao homem para que o criado possa ser unido ao Criador. O número anterior significa o contato da criatura com o Criador; é perfeito, mas é apenas temporário; mas o último número mostra a união do criado com o Criador, de forma que não é apenas perfeito, mas também permanente. Entendamos que tanto o 7 quanto o 12 vêm dos dois numerais 4 e 3; só que o “7” é a adição desses numerais, enquanto que o “12” é a multiplicação deles. Adicionar é aproximar, multiplicar é unir em um só. Sendo assim, o significado da multiplicação é muito mais profundo do que o da adição. Aqui nós vemos a importância de estarmos unidos a Deus.

Outros exemplos do uso bíblico do número 12 podem ser vistos a seguir. Um ano tem doze meses. A nação de Israel era composta de doze tribos. Montadas na placa peitoral do sumo-sacerdote havia doze pedras preciosas (Ex. 28:21). Na mesa de ouro dos pães da proposição eram colocados doze pães (Lev. 24:5,6). Elim tinha doze fontes de água (Ex. 15:27). Foram enviados doze homens para espiar a terra (Num. 13). José pôs doze pedras no rio Jordão (Josué 4:9). Elias usou doze pedras para construir um altar (I Reis 18:31,32). O Senhor Jesus foi a Jerusalém aos doze anos de idade (Luc. 2:42). Ele escolheu doze apóstolos e lhes prometeu o direito de se assentarem em doze tronos, para julgarem as doze tribos de Israel (Mat. 19:28). Ele curou a mulher que tinha um fluxo de sangue havia doze anos (Luc. 8:43,44). Ele levantou d morte a filha de Jairo, que tinha doze anos de idade (Luc. 8:42,54,55). Depois de cinco mil pessoas terem se alimentado, as sobras dos cinco pães e dois peixes encheram doze cestos (Mat. 14:20). Se o Senhor quisesse, ele pediria ao Pai, e teria doze legiões de anjos para resgatá-lo (Mat. 26:53).

Na leitura do livro de Apocalipse, nós descobrimos que o número 12 é mais frequentemente usado nesse livro do que em qualquer outro. Haverá doze estrelas formando a coroa na cabeça da mulher (Rev. 12:1). A Nova Jerusalém terá doze portões feitos de doze pérolas (21:21). Nesses portões haverá doze anjos (v.12), e os nomes escritos sobre os portões serão os nomes das doze tribos de Israel (v.12). O muro da cidade terá doze fundações, com os nomes dos doze apóstolos (v.14). A árvore da vida dará origem a doze diferentes frutos (22:2). À luz de tudo isso, nós precisamos perceber que no reino eterno do novo céu e da nova terra, todos os números serão doze, nenhum será sete. Na primeira metade do livro de Apocalipse, o 7 é frequentemente usado, pois fala das condições desta era temporária. Mas, para o reino eterno, 12 será o número usado. Assim, isso prova, além de qualquer dúvida, que o 7 representa a perfeição temporária, enquanto que o 12 representa a perfeição permanente.

Considerações Adicionais Sobre os Números na Bíblia

Na Bíblia podem ser encontrados muitos outros numerais, todos esses cheios de significado; mas, para o nosso propósito, o que já explicamos agora deve ser mui suficiente. Olhemos, entretanto, para alguns numerais adjoining e vejamos os maravilhosos significados implicados. Como nós já sabemos, os números básicos de 1 a 7 formam um ciclo na Bíblia; e a sua ordem é muito significativa. Todos os outro numerais da Bíblia vem da soma ou multiplicação desses sete numerais, e consequentemente esses sete números servem de radicais para todos os outros numerais. Cada um desses números tem o seu próprio significado, e também uma aplicação boa ou má. Por exemplo, se o número 1 se refer a Deus, é visto como bom; mas se tem referência ao homem, é percebido como mal.

Os numerais 1, 2 e 3 expressam a satisfação de Deus- o Pai, O Filho e o Espírito Santo. Deus deve preceder todos os números; Ele deve ter a preeminência em todas as coisas; de outra forma, nós veríamos caos.

4 é o símbolo das criaturas. De acordo com as Escrituras, 4 é dividido em 3 e 1. 4 é o primeiro número depois de 3. se 3 representa Deus, 4 significa aquilo que vem de Deus- os criados. Isso reflete o relacionamento entre a

criatura e o Criador. A criatura vem do Criador. É tão triste que as pessoas não percebem nem sabem isso. Além do Criador e da criatura, não há nada mais no universo. Assim, 3 mais 4 formam um número perfeito.

5, 6 e 7 usam o 4 como a raiz básica. 1,2 e 3 são os primeiros três números do numeral 7; eles representam a grandeza do Criador. O 4 fica na metade do numeral 7; representa os criados. 5, 6 e 7 são os últimos três números do numeral 7, e por isso representam as condições dos que foram criados. 5 é 4 mais 1; 6 é 4 mais 2; e 7 é 4 mais 3. 3 é o número de Deus, e 4 é o número do homem. O relacionamento entre o número de Deus e o número do homem resume-se no 7, e então 7 é um número perfeito.

5 é 4 mais 1; isso mostra como os criados (4) são contraditórias ao Criador (1). Entretanto, é 4 mais 1, e assim o numero 5 fala de como a criatura permanece diante do Criador. Reflete um senso de responsabilidade. Embora o Criador seja gracioso, isso não torna o mundo livre de responsabilidade. Qualquer numeral que seja multiplicado ao número 5 sempre carrega um significado de responsabilidade, como por exemplo, o 10, o 40, etc.

6 é 4 mais 2; esse número mostra quão inadequado e cheio de contenda (2) é a criatura (4). Também indica como a criatura (4) recebe ajuda e livramento (2). 6, pois, mostra a verdadeira condição do mundo caído.

7 é 4 mais 3; esse número indica a aceitação dos criados (4) pelo Criador (3). 7 é um número perfeito.

Se nós estudarmos os números na Bíblia e o que eles representam, não deixaremos de louvar a Deus por Sua sabedoria, e de nos maravilharmos nos seu ensinamento e instrução! Conhecendo o conceito geral desses números, o nosso estudo do livro de Apocalipse receberá um novo significado.

A Teoria Dia-Ano

Recentemente o estudo da profecia tem adquirido uma má reputação entre os crentes por causa da chamada “teoria dia-ano”. De acordo com essa teoria, muitos números de dias nas escrituras são computados como

se um dia fosse um ano; e dessa forma são encorajadas predições sobre a data precisa da segunda vinda do Senhor Jesus Cristo - um exercício mental que é totalmente contrário ao anúncio do Senhor pois ninguém sabe o dia do Seu retorno, nem mesmo o próprio Jesus. Então, também, alguns comentaristas do livro de Apocalipse misturaram a palavra de Deus a fim de confirmar essa teoria dia-ano. Nós não temos intenção de discutir essa teoria; nós apenas desejamos apontar um entendimento correto sobre os “dias” que são mencionados na Bíblia.

Os advogados da teoria dia-ano baseiam a sua concepção em Números 14.34 e Ezequiel 4.6. Examinemos primeiro o que diz em Números: “Segundo o número dos dias em que espiastes a terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniqüidades quarenta anos e tereis experiência do meu desagrado.” Aqui nos é dito que devido à sua incredulidade, os filhos de Israel foram disciplinados por Deus durante quarenta anos, um ano para cada dia que eles espiaram a terra. Mas isso não se aplica igualmente para os outros “dias” mencionados nas Escrituras, e certamente também não para os “dias” achados em Apocalipse. Assim também é em Ezequiel: “Quando tiveres cumprido estes dias, deitar-te-ás sobre o teu lado direito e levarás sobre ti a iniqüidade da casa de Judá. Quarenta dias te dei, cada dia por um ano.” Aqui vemos que Ezequiel recebeu a ordem de deitar em uma certa posição em resposta à iniqüidade de Judá. Isso não tem nada a ver com os outros “dias” achados na Bíblia.

Vejamos outras passagens.

(1) “Porque, daqui a sete dias, farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites; e da superfície da terra exterminarei todos os seres que fiz” (Gen. 7.4). Por acaso Deus esperou sete anos e depois fez chover durante quarenta anos? Não, pois o registro continua e explica: “E aconteceu que, depois de sete dias, vieram sobre a terra as águas do dilúvio... e houve copiosa chuva sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites.” (vv.10,12). Aqui um dia não é um ano.

(2) “Então, lhe disse José: Esta é a sua interpretação: os três ramos são três dias; dentro ainda de três dias, Faraó te reabilitará e te reintegrará no teu cargo” (Gen. 40.12,13). Por acaso foi após três anos que o chefe dos copeiros foi liberto da prisão? Não mesmo: “No terceiro dia... reabilitou o copeiro-chefe” (vv.20,21).

(3) “Então disse Jeová a Moisés: Eis que vos farei chover do céu pão, e o povo sairá e colherá diariamente a porção para cada dia... Dar-se-á que, ao sexto dia... será o dobro do que colhem cada dia” (Ex. 16.4,5). Os filhos de Israel saiam para colher o maná diariamente, e não uma vez por ano.

(4) Deus deu carne ao povo de Israel por “um mês inteiro”(Num. 11.19, 20). Eles não comeram carne por trinta anos.

(5) “Em três dias atravessareis o Jordão” (Josué 1.11). O que realmente aconteceu, afinal? Os filhos de Israel cruzaram o rio Jordão depois de três anos? Não, eles o cruzaram depois de três dias.

(6) “Assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia; também o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra” (Mateus 12.40). Por acaso o Senhor Jesus ficou no coração da terra por três anos? Nós sabemos, através do registro bíblico, que Ele ficou lá por apenas três dias e três noites.

A partir dessas evidências, portanto, podemos concluir que a teoria dia-ano é errônea. Se alguns dos “dias” encontrados no livro de Apocalipse devem ser interpretados como anos, então todos os outros “dias” encontrados nele também devem ser tratados como anos. Então, nesse caso, os três anos e meio da Grande Tribulação teriam que ser calculados como dois mil duzentos e sessenta dias; e o reino milenar deveria se estender para trezentos e sessenta mil anos. Obviamente, nós sabemos que tais cálculos como esses não podem ser verdadeiros. Confiemos, portanto, no Espírito Santo para nos guiar corretamente quando lemos a palavra de Deus. Não procuremos por idéias estranhas como essa. Embora a Bíblia seja cheia de maravilhas, não deve ser explicada de nenhuma forma curiosa ou bizarra. Nós devemos aprender a sermos mais

obedientes a Deus em nossos pensamentos. Dessa maneira não seremos propensos a mal-interpretar a Sua palavra.

Os Escritos de Pedro, Paulo e João

11

O escritor do livro de Revelação é o apóstolo João. Há muitas evidências que suportam essa afirmação; entretanto, nós não as discutiremos aqui. Mas, há uma coisa que devemos reconhecer sobre o caráter dos escritos de João. No que diferem os escritos de João dos escritos de Paulo e de Pedro? Nós sabemos que Pedro e Paulo foram escolhidos pelo Senhor para estabelecer a Igreja. Nos seus Evangelhos e Epístolas, João raramente toca a verdade da Igreja; e mesmo assim, na primeira e segunda divisões do livro de Revelação, nós descobrimos que o Senhor ordenou-o que escrevesse a sete igrejas locais. Para que possamos entender a condição e o estado da igreja como é revelada nos três primeiros capítulos de Revelação, nós precisamos examinar cuidadosamente as diferenças e o relacionamento entre os escritos de João e os escritos de Pedro e de Paulo.

É evidente nas Escrituras que Pedro é um ministro para a Circuncisão, enquanto que Paulo é um ministro para a Incircuncisão. Pedro e os onze apóstolos vivem em Jerusalém e fazem a obra do Senhor, reunindo as ovelhas perdidas da casa de Israel para formar a Igreja. Paulo é chamado pelo Senhor e recebe revelação sobre a verdade da Igreja, chamando as nações (Col. 1:24) para Cristo através da pregação do evangelho. Ele é aquele que lança o fundamento. A obra de Pedro é mais restrita aos Judeus; ele nos leva a começar nossa peregrinação celestial para a herança (perdida) de Israel reservada para nós nos céus. A obra de Paulo é amplamente estendida aos Gentios; ele nos mostra nossa posição e nossa posse celestial em Cristo. Essas são as importantes verdades do tempo do Novo Testamento, pois Deus trata com as pessoas de acordo com dispensações especiais.

A obra de João, entretanto, é um tanto diferente. Ele não ensina verdades dispensacionais. Em seu Evangelho, ele não menciona a ascensão de Cristo; em suas Epístolas, ele não aponta a posição celestial dos santos. Pelo contrário, ele se concentra no Senhor Jesus como o Verbo se fazendo

carne, e vindo dos céus para a terra. Ele olha para o Senhor Jesus como a vida eterna. E, por isso, no seu evangelho, João anuncia o nascimento daquela vida eterna; e, mais adiante, em suas Epístolas, ele explica a natureza dessa vida eterna.

O ano de 70 DC – quando Jerusalém foi destruída – é um tempo transicional para a verdade transicional. A Igreja Judia, formada no dia de Pentecostes, chegou ao seu fim (na verdade, já havia acabado; isso foi apenas tornado público naquela ocasião). As verdades de Cristo e do judaísmo não estão totalmente separadas. Os cristãos devem agora sair do campo do judaísmo. A Igreja que Pedro estabelecera entre os judeus faliu; Cristo não mais governa sobre ela.

Assim como isso se tornou a verdade entre os judeus, também é verdade entre os gentios: as igrejas que o Senhor, usando Paulo, estabelecera entre as nações, também caíram, de sorte que elas não podem mais herdar a herança perdida de Israel: “Cada um cuida do que é seu”, Paulo escreveu, “não das coisas de Jesus Cristo” (Fil. 2:21).; “Todos os que estão na Ásia [inclusive a Igreja em Éfeso] me abandonaram” (II Tim. 1:15). Aqueles que melhor conheciam a verdade da Igreja eram incapazes de permanecerem firmes na fé! De fato, a apostasia já começou e o mistério da iniqüidade também tem germinado.

As obras de Pedro e de Paulo sofrem mudança dispensacional, mas a obra de João transcende a estrutura dispensacional. Ele mostra o Senhor Jesus como a vida eterna; e a vida eterna, como nós sabemos, não pode ser mudada. Embora as dispensações e os eventos humanos possam mudar, a vida eterna encontrada no Senhor Jesus e naqueles que crêem nunca muda. Embora a igreja possa ser vomitada da boca do Senhor, o próprio Senhor permanece o mesmo. A obra de João se segue à de Pedro e de Paulo, e isso supre a falta deles. João reúne, ao mesmo tempo, a primeira e a última vinda de Cristo, e a sua obra cobre a duração. Ele prega a pessoa de Cristo e a vida eterna. Apesar do fato de que, exteriormente, a dispensação tenha sido corrompida, a vida eterna permanece sem mudanças. Isso nós vemos nos dois últimos capítulos do evangelho de João. O capítulo 20 representa aquilo que acontecerá desde a ressurreição

de Cristo até à Sua aceitação pelo povo judeu que restar no último dia. Tomé, olhando para o Salvador perfurado, serve como um tipo disso. E o capítulo 21 tipifica a assembléia e o reino milenar. No final o capítulo 21, nos soa mostradas as obras específicas designadas para João e Pedro (a verdade da Igreja que foi pregada por Paulo é totalmente celestial, por isso não é mencionada aqui). O rebanho de Cristo, assim como o de Israel, é designado para Pedro, mas ele morrerá antes de João, e assim sua obra não é permanente, mas tem um fim. Mais tarde, de fato, a obra de Pedro é terminada, a Igreja da Circuncisão é deixada sem um pastor, e não muito tempo depois, Jerusalém é destruída. Assim, essa obra chega a um completo fim. Mas, então, nós podemos relembrar que Pedro pergunta ao Senhor sobre a obra de João. É um tanto espantoso que o nosso Senhor não menciona a morte de João, mas apenas chama Pedro para que O siga (para morrer e para completar a obra). Ele dá a entender, entretanto, que a obra de João continuará até o Seu retorno. Embora o próprio João vá morrer, a sua obra não morre. Seus escritos continuarão a ter impacto até a segunda vinda do Senhor. Portanto, é extremamente importante que nós compreendamos as obras destes três apóstolos. A obra de João atravessa as duas vindas de Cristo. Agora nós podemos ver a verdade da Igreja. Pedro nos fala da falha da Igreja Judia; e Paulo, da falha da Igreja Gentia. João, não sendo nem ministro para Circuncisão, nem para Incircuncisão, não recebeu verdades dispensacionais; e, assim, ele não faz menção a respeito das mudanças na Igreja Judia ou na Igreja Gentia. O que ele registra no livro de Apocalipse é, em vez disso, a real condição das igrejas naquele tempo. Ele não traça a história da Igreja até o seu estado atual; ele meramente reporta as várias condições das igrejas em estado de falência e também os pertinentes julgamentos do Senhor pronunciados sobre elas. Após haverem acabado as obras de Pedro e de Paulo, João dá continuidade às suas obras: ele simplesmente narra a condição falida das igrejas de seu tempo. As igrejas sobre as quais João escreve, com exceção de Rev. 22:17, são um tanto diferentes daquelas sobre que Paulo escreveu. O testemunho de João é ver cada assembléia local por si só. Alguns candeeiros correm o risco de serem removidos. As igrejas que ele

vê estão perto ou já passaram há muito tempo da queda e são agora julgadas por Cristo. A Igreja falhou! Os gentios, que pela fé foram enxertados na oliveira, não permanecem na misericórdia de Deus. Paulo ensina muito da verdade da Igreja è Igreja em Éfeso, mas agora ela tem deixado seu primeiro amor e o seu candeeiro em breve será removido. Assim como Israel foi cortado fora por Deus, a Igreja também será cortada fora. Assim como Deus fora anteriormente paciente com Israel, também Ele é paciente para com a Igreja hoje. Porém, a Igreja, como Israel, não é apta para testemunhar de Deus no mundo. A Igreja já está corrompida e derrotada, não importa o quanto possa ser esticada a dispensação; no tempo em que “Revelação” foi escrito, Deus já estava pelo menos começando a ficar insatisfeito com a sua Igreja. Ele está prestes a fazer mis uma renúncia. Por isso, o Espírito Santo expressa, por um lado, a insatisfação de Deus com a Sua Igreja e, por outro lado, Cristo obtendo o reino. Doravante o reino será o objetivo. O Senhor usa as sete igrejas existentes naqueles dias para representar a Igreja, a fim de deixar que as pessoas saibam que Ele está insatisfeito com ela e que o fim está próximo. Mesmo que o senhor atrasasse mais ainda a Sua vinda, essas sete igrejas locais em suas condições atuais seriam suficientes para representar e delinear toda a história externa da Igreja na terra. E, fazendo isso, o Senhor revela que o fim é chegado e que Ele pode retornar a qualquer hora. Isso é a sabedoria do espírito santo! E, como o senhor de fato retarda a Sua vinda, o segundo e o terceiro capítulos de Apocalipse podem servir (e de fato servem) de desfecho para as condições de toda a Igreja, do tempo de João até o dia anterior à vinda do senhor.

Nós devemos reconhecer o fato de que durante de Pedro e Paulo, a Igreja já havia caído. Tal conhecimento nos ajudará no entendimento dos ensinos a respeito da Igreja encontrados nos três primeiros capítulos de Apocalipse. Em vistas da falência da Igreja, nós devemos ver aqui que Cristo não está agindo como um pastor intercessor, mas age como um pastor juiz. Nós somos, então, instruídos que não há uma Igreja perfeita; e, dessa forma, nós podemos ser libertos da alimentar qualquer esperança a respeito da igreja. Nós vamos, então, saber qual é o tipo de atitude que

devemos tomar com relação á Igreja. “Seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso” (|Rom. 3:4)

Comparando a Terceira Divisão do Livro de “Revelação” Com Outras Profecias Bíblicas

12 Nós acabamos de apontar o relacionamento da condição da Igreja – como revelada nos primeiros três capítulos do livro de Apocalipse – com os outros ensinamentos da Igreja.

Nós agora devemos considerar a próxima divisão do livro. A terceira divisão do livro de Apocalipse começa no capítulo 4 e continua até o fim. Uma vez que começa depois do período da Igreja, é profética em natureza. Muitas passagens nessa divisão não podem ser explicadas por si mesmas. Como Pedro uma vez escreveu: “sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (II Pe. 1:20,21). Isso simplesmente quer dizer que nenhuma profecia pode ser interpretada pela própria passagem da Escritura. Qualquer tentativa de fazer isso está sujeita ao erro, pois nenhuma profecia é escrita de acordo com o desejo do homem. Se qualquer profecia tivesse sido escrita pela vontade do homem, essa poderia ter sido interpretada de acordo com a vontade do homem. Mas esse não é o caso quando se trata de profecias das Escrituras. As profecias são dadas quando homens são movidos pelo Espírito Santo. Embora os escritores sejam muitos, só uma coisa é dita, pois o Espírito Santo é o autor original de todas essas passagens na profecia. Portanto, todas as profecias são unidas em uma só. Assim, é essencial que alguém que deseje entender a profecia não a interprete pela sua própria passagem da Escritura, mas que a compare com outras passagens bíblicas.

O princípio da interpretação da Escritura com a Escritura é de grande importância. A falha de muitos comentadores no sentido de manejar acuradamente a palavra de Deus pode ser atribuída à violação deste importante princípio. “Sabendo isto primeiro,” observou Pedro. Qualquer brecha neste princípio inevitavelmente causará confusão. Quão fácil seria se pudéssemos interpretar particularmente. A dificuldade criada na interpretação da Escritura está no fato de que uma correta interpretação requer que uma passagem particular concorde com o testemunho de toda a Bíblia. Conseqüentemente, devemos estudar as passagens que estão diante de nós por meio da comparação delas com outras porções das Escrituras, para que aquilo que alcançarmos não sejam imaginações especulativas, mas interpretações acuradas e bem-fundamentadas.

A Imagem Humana em Daniel

Vamos primeiro ler Daniel capítulo 2. Aqui nós somos confrontados com uma visão ou sonho de uma imagem humana, que particularmente -na tipologia bíblica- representa os quatro reinos gentílicos. No sonho do rei, esta imagem era subsequentemente esmagada por uma pedra que se tornou em uma grande montanha que encheu toda a terra. Essa pedra é,

obviamente, simbólica do Senhor Jesus e Seu reino que destruirá todos os reinos do mundo e os substituirá na terra. Os reinos da terra não estão gradualmente sendo fermentados pelo reino de Deus até que se tornem no Reino de Deus. Não mesmo. Esses reinos suceder-se-ão um depois do outro até o dia em que, repentinamente, serão destruídos pelo reino de Deus. O esmagamento pela rocha é, claramente, um evento que ocorrerá no futuro. Em breve, nós viremos a perceber seu relacionamento com o livro de Apocalipse.

As Imagens das Bestas de Daniel

E, Daniel, no capítulo 17, está registrado que o profeta viu outra visão, que também fala dos quatro reinos gentílicos. A diferença entre essa, e a visão que vimos no capítulo 2 é que estas são bestas, e aquela era um homem. O aparecimento do reino de Deus foi devido ao aparecimento do Filho do homem. Nos é exposto ainda mais claramente que o começo do reino de Deus se dá depois que os reinos da terra estejam totalmente destruídos. Virá um “pequeno chifre” que fala com palavras de blasfêmia contra Deus e persegue os eleitos de Deus. Mas o seu tempo será de apenas três anos e meio. Depois desse período, aquele representado pelo pequeno chifre será destruído e o Filho do Homem virá para estabelecer o seu reino. Os reinos dos homens não coexistem com o reino de Deus. Somente quando o primeiro for destruído, o segundo será estabelecido.

Os Setenta Setes de Daniel

Agora, olhemos para o capítulo 9 de Daniel. Depois de ter Daniel confessado os pecados de seu povo, Deus enviou Gabriel para dizer a ele: “setenta semanas são decretadas sobre o teu povoe sobre a tua cidade santa, para fazer cessar a transgressão, e para dar fim aos pecados, e para fazer reconciliação da iniqüidade, e para trazer a justiça eterna, e para selar a visão e a profecia, e para ungir o santo dos santos” (v.24). uma vez que Daniel orou a Deus pelo Seu povo e Sua santa cidade, Deus em resposta também menciona “teu povo e tua santa cidade”. Entendamos que “teu povo” aponta para os filhos de Israel, e “tua santa cidade” refere-se a Jerusalém. O que Deus quis dizer foi: quando os setenta setes tiverem passado, a transgressão de Israel e da santa cidade terá terminado, seus pecados chegarão ao fim, suas iniqüidades receberão reconciliação, e a justiça eterna será trazida para eles. Tudo isso já foi cumprido? Não, os filhos de Israel continuma hoje a se “Lo-Ami... não meu povo” (Oséias 1:9). Assim, sua restauração ainda está no futuro. Essas coisas ainda permanecem não consumadas porque a profecia a respeito dos setenta setes não foi cumprida ainda. Mas, na segunda vinda do Senhor Jesus, todas as profecias serão cumpridas.
“Sabe e entende”, continua Gabriel, “desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém até o ungido, o príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; com praças e tranqueiras se reedificará, mas em tempos angustiosos. E depois de sessenta e duas semanas será cortado o ungido, e nada lhe subsistirá; e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma

inundação; e até o fim haverá guerra; estão determinadas assolações" (Dan 9:25,26). "Tempos angustiosos" também pode ser traduzido como "tempos breves". Isso provavelmente aponta para os sete setes que, em termos de tempo, são muito mais curtos do que os sessenta e dois setes. A reconstrução de Jerusalém aconteceu durante os sete setes mencionados que ,segundo calculado por certos comentadores, duraram quarenta e nove anos. Embora no original, seja dito meramente "setes" – sem nenhuma designação de dias ou de anos- a maioria dos comentadores acredita que refere ao "ano", e assim, quarenta e nove anos. Sessenta e dois setes depois da cidade ser reconstruída virá o Ungido.

Aqui nós não vamos investigar quando os setenta setes começaram. Um fato, porém, é suficiente para nós: nós abemos que o Ungido de fato veio depois dos sessenta e nove setes (sete setes + sessenta e dois setes). Dos tempos do decreto sobre a reconstrução de Jerusalém ao momento da vinda do Ungido, são quatrocentos e oitenta e três anos. Agora que os sessenta e nove setes já passaram e o Ungido (Cristo) já veio, só resta o último sete. Assim que o último sete é cumprido, os filhos de Israel receberão a plenitude da benção de Daniel 9:24. Porém, nos sete anos que se sucederam à morte de Cristo, houve algum dia que pudesse ser considerado como o tempo em que a transgressão é terminada para os filhos de Israel e sobre a cidade de Jerusalém? Não, nem mesmo um dia. E por acaso já não se passaram mais de novecentos anos desde o tempo de Cristo, sem que haja o fim da transgressão? Assim, é bem evidente que o septuagésimo sete não ocorreu imediatamente após os sessenta e nove setes.

Porque esse sete não foi ainda cumprido, e nem os filhos de Israel ainda não receberam a plenitude da benção? Porque "Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará". Cristo morreu, e conseqüentemente os filhos de Israel não receberam a benção. Isso aconteceu porque eles não O receberam com corações desejosos mas o crucificaram, e assim a punição veio sobre eles. "...e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário" (v.26). Quando os judeus insistiram em matar o Senhor Jesus, eles declararam abertamente: "Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!" (Mt 27.25). naturalmente Deus está tratando eles de acordo com as suas próprias palavras, rejeitando-os temporariamente e mostrando graça aos gentios. Mas, depois que o número dos gentios for cumprido, Ele vai ser gracioso novamente aos filhos de Israel. E, nesse momento, o último sete será cumprido. Uma vez que o último sete estiver acabado, Deus irá libertar os filhos de Israel, de acordo com a promessa (Dn 9.24).

""...e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário". Todos os estudantes do livro de Apocalipse sabem que isso se refere aos Romanos. Depois da morte de Jesus Cristo, os judeus incorreram em um severo julgamento de Deus: os romanos vieram e destruíram Jerusalém e seu templo em 70 DC. Uma vez que o termo "o povo" se refere aos Romanos, muitos de acordo com isso pensam que o termo "o príncipe" obviamente aponta para o príncipe Romano Tito que liderou os Romanos. Mas há muitas razões para refutar essa conclusão. Porque as Escrituras aqui não dizem que o príncipe destruirá a cidade, mas

sim o povo do príncipe? Embora o príncipe deva trabalhar através de seu povo, não é natural dizer “o povo” e não diretamente “o príncipe”. Uma vez que o Santo Espírito menciona tanto o príncipe como o povo, embora dando uma ênfase primária no povo, não seria possível que Ele estivesse deixando implícito que esse povo representa o povo daquele príncipe que ainda está para vir? Se é assim, então o príncipe em questão não é Tito, e o povo que atacou Jerusalém no passado era espiritual e moralmente igual ao povo do futuro príncipe. Esse príncipe sobre quem Daniel profetiza será, no futuro, uma figura reconhecida mundialmente, o qual é o Anticristo. “O príncipe que há de vir” é, portanto, o Anticristo.

“...e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas.” (v. 26). “O fim” aqui não é o fim da cidade ou do santuário. De acordo com a correta construção gramatical, “o seu fim” deveria se conectar à frase “o príncipe que há de vir”. O cumprimento não veio no tempo de Tito, mas está para vir no futuro. O povo do príncipe que há de vir destruirá esta cidade e o santuário, mas “o fim dele” (ou seja, do príncipe) virá como um dilúvio. Nós sabemos que esse super-homem virá em breve, e que o mundo não terá paz. Mas graças a Deus, nós já teremos ido embora quando o Anticristo chegar.

“Ele confirmará um pacto com os muitos, por uma semana; e na metade da semana, fará cessar o sacrifício e as oblações” (v.27a). O verso anterior nos fala das atitudes destrutivas do Anticristo; esse próximo versículo continua a falar da sua ação. O último sete é dividido em duas metades. No começo do último sete, o Anticristo confirmará um pacto com muitos. Esse pacto não é a Velha Aliança que Deus singularmente fez com Seu povo, pois o suo do artigo indefinido “um” aqui prova isso. A frase “os muitos” com o uso do artigo definido “os” refere-se a um grupo especial de pessoas – os judeus. Sendo assim, esse pacto será um pacto político entre os judeus e o Anticristo. A duração desse pacto deve ser de sete anos, mas no meio termo desses anos, o Anticristo irá quebrá-lo. Isso é o significado das palavras, “ele cuidará em mudar os tempos e a lei”, encontrada no capítulo 7 e verso 25. aqui nós podemos ver a similaridade descoberta entre esse príncipe e o pequeno chifre mencionado no capítulo 7.

Na metade dos sete anos em questão, o Anticristo quebrará o pacto, e assim o resto do período do sete (ou seja, três anos e meio) estará em sua mão. Durante esses três anos e meio ele também vai magoar os santos (7.25). E durante estes mesmos três anos e meio, esse pequeno chifre intentará em mudar os tempos e as estações, e fazer cessar o sacrifício e as oblações. No presente momento, os judeus não têm nem sacrifício nem oblações; mas no futuro estas coisas serão restauradas. Nós agora temos visto o começo da volta dos judeus para a Palestina e também temos ouvido do seu desejo de restaurar estas coisas. O fim está verdadeiramente próximo.

Porque o Anticristo vai fazer cessar o sacrifício e a oblação? Porque naquele tempo ele vai falar blasfêmias contra Deus (ver cap. 7). Uma vez que os sacrifícios e as oblações são oferecidas a Deus, ele vai naturalmente proibi-los. “...e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação” (9:27). “A asa das abominações” fala de ídolos. No templo de Deus as asas do querubim cobriam a arca. Mas o

Anticristo entrará no templo de Deus e proclamará a si mesmo Deus (2 Ts 2), sendo coberto pela asa das abominações. Devido a esta idolatria, Deus permitirá desolações por três anos e meio até o fim dos setenta setes. “Daniel 9:27
E ele firmará um concerto com muitos por uma semana; e, na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.”E, como determinado, a ira será derramada sobre a desolada” (v.27c). a desolada é Jerusalém. Com a aproximação do fim dos setenta setes, as nações se reunirão para atacar Jerusalém. Então o Senhor lutará por ela (Zc 14.1-6). E assim a palavra de Daniel 9.24 se cumprirá.
Nós podemos aqui perceber como satanás usa o homem. O anticristo é apenas um homem; mas pela sua obediência a satanás, ele recebe poder diabólico para governar sobre todas as nações. Embora a sua vinda real está ainda no futuro, mesmo assim em 70 DC os Romanos se tornaram o povo do Anticristo! Pois eles tinham o seu espírito. Hoje nós vemos os muitos tumultos entre as nações. Satanás está, na verdade, manipulando nos bastidores. Ele dá poder a essa pessoa e para isso, usa muitos da arena política como seus fantoches para perturbar o mundo. A última pessoa que ele vai usar será o Anticristo. Nós podemos agora mesmo discernir que o espírito do Anticristo já está operando em todos os lugares. A característica mais reveladora do anticristo é a sua iniqüidade (2 Ts. 2). Se abrirmos os nossos olhos para os negócios desta era, nós saberemos o quão exuberante a iniqüidade tem se tornado. Em cada nível da sociedade há pessoas iníquas. Em cada profissão, a iniqüidade é a maioria. Parece, porém, que há uma tênue linha entre as pessoas e a erupção da iniqüidade. Uma vez que alguém faz concessão à iniqüidade, este é capturado para sempre.
Por esta razão, nós que cremos no Senhor e fomos comprados com Seu sangue, devemos nesta hora resistir, unidos em uma mente, a satanás e suas obras, tanto em nossos espíritos como em nossas mentes. Orem para que Deus habilite a Sua Igreja a conhecer a vitória da cruz para que os santos possam ter a experiência do arrebatamento. Os pecados do mundo precisam ser julgados. A Igreja de Cristo precisa ser amadurecida para o arrebatamento!

Os Mil Duzentos e Sessenta Dias

Examinemos a última profecia de Daniel como é registrada nos capítulos 10-12. examinando cuidadosamente estes capítulos, nós veremos como a sua última profecia se encaixa com as primeiras profecias. Eu não posso ficar para explicá-las em detalhe, então vamos meramente tocá-las brevemente.
“Dele sairão forças que profanarão o santuário, e a fortaleza, e tirarão a contínua oferta-queimada, estabelecendo a abominação desoladora.” (Dn 11.31). isso coincide com o capítulo 9. “Ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou, por aquele que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se

acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão... Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá ainda mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias. Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança." (12.7,11-13). Aqui nós vemos novamente os três tempos e meio. Mil duzentos e noventa dias é trinta dias a mais que três anos e meio, e mil trezentos e trinta e cinco são quarenta e cinco dias a mais do que mil duzentos e noventa dias. Uma vez que os três anos e meio (1260 dias) acabarem, o Senhor Jesus aparecerá na terra. Os trinta dias a mais provavelmente serão usados para julgar as nações (ver Mt 25.31-46), ou para purificar o santuário. Mas depois de outros quarenta e cinco dias, os filhos de Israel receberão glória.
A partir da investigação acima, nós sabemos algumas coisas: (1) o tempo dos gentios – ou seja, o tempo em que os gentios reinam – virá a um repentino fim, pois Aquele que é como o Filho do Homem virá com as nuvens e estabelecerá o Seu reino; (2) o último dos poderes gentílicos será o império Romano, e o seu rei falará blasfêmias contra Deus e magoará os santos, mas ele será eventualmente julgado; (3) o Anticristo fará um pacto com os judeus, e na sua falta de fé, eles restaurarão o santuário e os seus sacrifícios; (40 mas depois de três anos e meio, o Anticristo quebrará o pacto, fará cessar a oferta de sacrifícios, e introduzirá idolatria; (5) por esta razão, a desolação irá continuar até o fim do período predeterminado de três anos e meio, e então Deus libertará o Seu povo santo; e finalmente (6) o tempo do reino dos gentios acabará com a repentina vinda do Senhor dos céus para estabelecer Seu próprio reino. Nós não temos nos esforçado em nenhum grau de pressão para explicar as Escrituras de acordo com nossas próprias teorias, mas tudo o que queremos é apontar Escritura por Escritura. Nós temos percebido agora como os três anos e meio do pequeno chifre (cap. 7) encaixam-se perfeitamente com a última metade do septuagésimo sete (cap. 9), e também com os três anos e meio no capítulo 12. e assim, as profecias das Escrituras proferidas em primeiro e em último lugar concordam completamente umas com as outras, exceto pelo fato de que a última profecia explica a primeira ou adiciona à primeira aquilo que esta não havia explicado.

A Profecia do Senhor Jesus

Nós temos visto agora que a mente do Espírito Santo é manifestada harmoniosamente nas profecias do Velho Testamento. Agora, vejamos como as profecias do Novo Testamento concordam com essas do Velho, e além disso, vejamos como o livro de Apocalipse coincide com as profecias do passado. Nós vamos primeiro olhar para a profecia do Senhor Jesus no monte das Oliveiras; exceto para que aquilo que é o nosso presente propósito, nós não vamos examinar todas as profecias dadas no Monte das Oliveiras, mas apenas aquelas relacionadas aos judeus. Nós usaremos Mateus 24 como a base da nossa consideração, e usar os registros dos outros Evangelhos como uma referencia posterior. Do verso 4 ao verso 31 do capítulo 24, nós lemos coisas que dizem respeito aos judeus. Nós

vamos estudar essa seção juntamente com as profecias de Daniel a fim de obter um claro entendimento.
Os discípulos fizeram ao Senhor duas perguntas acerca (1) do santo templo e (2) do sinal da Sua vinda e do fim do mundo (v. 3). A questão concernente ao templo não é relevante para nossa investigação, e mais adiante, é respondida em grande detalhe em Lucas 21. Mateus focaliza mais a segunda questão. Embora com respeito à essa segunda questão, nós descobrimos que os discípulos misturaram a vinda do Senhor com o fim do mundo; sendo elas, na verdade, diferentes. No entanto, nós não vamos lidar com a diferença, uma vez que nós nos limitaremos somente ao que é relevante aos judeus.
Nós devemos saber que os sexagésimo nono sete e o septuagésimo sete são separados pelo tempo da graça. Durante o último sete, o sacrifício e a oblação do santuário serão restaurados até que o Anticristo os faça cessar. O que o nosso Senhor falou disso refere-se ao período: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa.” (Mt 24:15-18).
A última parte do que Jesus disse aqui significa que, devido ao inimigo estar no meio deles, sua fuga seria, portanto, extremamente urgente. Uma vez que o povo santo é o alvo da ira do Anticristo, e o exército da destruição se aproxima, essa passagem avisa ao povo que deixe tudo para salvar suas vidas. “Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!” (v. 19); pois elas não podem correr com rapidez. “Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado” (v. 20). Essa última afirmação sobre o sábado nos mostra claramente que se trata dos judeus.
Então o Senhor continua dizendo, “porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais.” (v. 21). Essa palavra pode ser comparada com a de Daniel: “Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro.” (12:1). Esses serão dias de grande tribulação (mas também serão dias da libertação de Deus). Consequentemente, o Senhor disse: “Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados.” (24:22). Pelo livro de Daniel nós entendemos que esses dias cobrem três anos e meio.
Mais tarde, o Senhor fala do sinal dos falsos cristos e falsos profetas – algo que não é encontrado no Velho testamento: “Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem. Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres.” (v. 23-28).

O testemunho de Daniel é o de que, logo que o ungido (o Senhor Jesus) vier de novo, todos os problemas chegarão ao fim. Jesus, como registrados em, Mateus, reporta a mesma coisa: “Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus.” (v. 29-31).
Embora brevemente discutido, isso é o suficiente para mostrar como as profecias do Novo Testamento concordam com as do Velho.

A Profecia de Paulo (2 Tessalonicenses 2:1-11)

Vamos investigar em outra mensagem profética – desta vez, a de Paulo – e ver como ela concorda com essa profecias que temos discutido. “Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós, supondo tenha chegado o Dia do Senhor. Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniqüidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus.” (2 Ts 2:1-4). O que o apóstolo declara na sua declaração profética é aquilo que Daniel queria dizer com “a abominação da desolação” (no velho Testamento a frase “a abominação da desolação” significa um ídolo); e nós precisamos lembrar que a profecia de Jesus, da mesma forma, mencionou este ponto.
A respeito de como o Anticristo que vemos nos escrito de Paulo (ou seja, o “homem da perdição” – “o filho da perdição”) exaltará a si mesmo e resistir ao Senhor, nós já lemos o que Daniel tinha para dizer sobre isso. E aqui está o que Paulo tinha para dizer: “Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas? E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria. Com efeito, o mistério da iniqüidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda.” (v. 5-8). Essa passagem fala do fim do Anticristo. Assim que o Senhor Jesus voltar, o Anticristo será julgado e destruído. Nas suas profecias, Daniel frequentemente mostra como o Senhor vai voltar para reduzir a nada as forças das nações gentílicas. Sua narrativa de como o pequeno chifre será destruído confirma aquilo que é dito aqui por Paulo em 2 Tessalonicenses 2:8: o pequeno chifre será destruído pela aparição do Senhor.
E quando o apóstolo termina sua profecia dizendo: “Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem,

porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos. É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça.” (v. 9-12). E o que é esta mentira? João nos diz: “quem é o mentiroso senão aquele que nega que Jesus é o Cristo?” (I Jo. 2:22).

Por meio deste breve estudo nós podemos ver como as profecias do Velho Testamento e do Novo são uma e explicam-se mutuamente. Vamos, então, prestar atenção ao aviso de Pedro: “Nenhuma profecia é de particular interpretação” (II Pe 1:20). A profecia na deve ser interpretada independentemente, estritamente pela sua própria passagem; deve ser provada e confirmada pela Bíblia inteira. Só assim nós podemos chegar a um entendimento acurado; de outra forma, nós sofreremos grande perda.

Tendo visto como as profecias de ambos os testamentos encaixam perfeitamente uma na outra nós podemos agora retornar mais especificamente ao livro de Apocalipse e ver como este também concorda com todas as profecias anteriormente mencionadas. Em vista da palavra de Pedro, nós estamos bem certos de uma coisa – de que, a profecia do último livro do Novo testamento deve também coincidir com essas profecias mencionadas acima. Nós não devemos tirar a profecia dada em Apocalipse do contexto da inteira Bíblia , das qual é uma parte e intenta dar uma especial interpretação. Aparte da primeira e segunda revelações do livro de Apocalipse (cap. 1; e cap. 2 e 3) que falam da igreja, sua terceira divisão (caps. 4 ao 22) coincidem em substancia com todas as profecias que nós examinamos antes de chegar a esse ponto.

Naturalmente, sendo o último livro da Bíblia, o Apocalipse contém coisas que não são encontradas em nenhum outro lugar dos livros precedentes das Escrituras; porém, nesse amplo esboço, ainda não pode ser “interpretado de maneira particular” mas deve ser provado e confirmado por outras Escrituras. De acordo com a chave mencionada no começo de nossa discussão, chave essa que o Espírito Santo tem nos providenciado como uma ajuda para interpretar essa profecia, nos é dado conhecer que todas as palavras da terceira divisão realmente apontam para o tempo futuro e para eventos futuros. Tendo isso como segundo plano, então, examinemos essa terceira divisão do livro para vermos como ela Coincide com as profecias anteriores.

A Terceira Divisão do Livro de “Apocalipse” Coincide Com Outras Profecias da Bíblia

Nós anteriormente vimos que a imagem humana nos escritos de Daniel simboliza o tempo do reinado gentílico. A partir dessa imagem, nós reconhecemos Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, e Roma, representadas pela cabeça de ouro, o peito de prata, o ventre de bronze, e as pernas de ferro. Mas nós sabemos pela história que esses já passaram adiante; somente os pés da imagem – parte de ferro, parte de barro – ainda tem que ser revelados pela história humana. Esse dez dedos representam simbolicamente a futura confederação do Império Romano revivido que está para se levantar. Mas na plenitude dos tempos, uma pedra do céu (a qual pedra, como nós vimos, aponta para o Senhor Jesus) os quebrará em pedaços e irá, ela mesma, encher toda a terra. Da mesma forma, em

Apocalipse nos é dito sobre dez chifres (13:1) que são dez reis (17:12), representando os últimos poderes dos gentios. Mas “pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis.” (17:14). Que concordância encontramos aqui com Daniel!

Na visão das bestas em Daniel 7, é registrado que um pequeno chifre veio dentre os dez chifres, e esse pequeno chifre “Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo [os judeus] e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade de um tempo.” (v. 25). Na leitura de Apocalipse, nós tomamos conhecimento de uma besta (o pequeno chifre mencionado por Daniel) que é maior do que os dez chifres (17:12,13) e que fala blasfêmias (13:5) e faz guerra contra os Judeus (v. 7). Ele fala blasfêmias contra Deus (v. 6) e tem autoridade por quarenta e dois meses (v. 5). Mais uma vez nós vemos a perfeita harmonia.

Daniel 9 nos fala de setenta setes, dos quais sessenta e nove setes já passaram mas o septuagésimo sete ainda está para vir. Assim que vier o último sete, o Anticristo fará um pacto com os filhos de Israel; mas depois de três anos e meio ele quebrará o pacto e erguerá a imagem-ídolo, que é a “abominação da desolação”. Os dois últimos capítulos de Daniel repetem a menção do erguimento dessa abominação (11:31 e 12:11). Como nós já temos visto, o próprio Senhor Jesus se referiu a esse assunto também, e também o fez Paulo. E quando nós vamos ao Apocalipse, nós descobrimos a mesma coisa: é registrado como a segunda besta atiça as pessoas a fazerem a imagem da primeira besta e a adorá-la (13:14,15,4,8).

Daniel 9 observa como o Anticristo quebrará seu pacto na metade do último sete, que deixa sobrando outros três anos e meio. Isso coincide com os três anos e meio aludidos em Apocalipse capítulo 7 e mencionados diretamente em Apocalipse capítulo 12, período durante o qual o Anticristo estará no poder.

O tempo do Anticristo são, ao todo, quarenta e dois meses, (Ap 13:5), que são três anos e meio. Durante esse período, a crueldade podre da besta e a idolatria relacionada a ela serão exuberantes sobre a terra. É nessa época que Jerusalém será pisoteada novamente, e os dois homens vestidos de pano de saco levarão testemunho, e os santos perseguidos fugirão para o deserto para estarem sob a proteção de Deus, e também os gentios terão domínio na terra. Tudo isso acontecerá em três anos e meio. Em um curto período de tempo depois, o Messias reinará.

Nós temos, assim, visto como as profecias encontradas no livro de Apocalipse concordam com as profecias de Daniel encontradas no Velho Testamento. Agora, porém, vejamos como elas concordam com as profecias do Senhor Jesus.

De acordo com o registro de Mateus da palavras de Jesus, os sinais do fim são (1) falsos cristos (24:5; conf. também v. 24); (2) guerras (v.6,7); (3) fome (v. 7); (4) pestes (v. 7; conf. também Lc 21:11); (5) mártires (v. 9); e (6) sinais no sol, lua e estrelas (v.29). Comparando o que o registro de Mateus das palavras Jesus diz com os seis selos mencionados em Apocalipse, nós podemos prontamente ver as similaridades. Até mesmo a ordem deles é a mesma. Além disso, Jesus no livro de Mateus fala da “abominação da desolação... no lugar santo” (v. 15), mas o livro de Apocalipse também o faz (13:14,15). Em Mateus, o nosso Senhor avisa os

judeus que, assim que eles virem o ídolo ser erguido, eles devem fugir; Apocalipse também descreve como eles fogem (12:6). Mateus registra que Jesus diz que por causa dos eleitos, aquele dia seria abreviado (24:22); Apocalipse declara: “o diabo... sabendo que ele seu tempo é curto...”(12:12). Jesus, no registro de Mateus, declara como os falsos cristos e os falsos profetas mostrarão grandes sinais e maravilhas para, se possível, desviar até os eleitos (24:24); e uma declaração similar é dada em Apocalipse: “ele enganou aqueles que habitam na terra por meio de seus sinais” (13:14). Em Mateus, Jesus conta como o povo procurará por um Cristo terreno (24:26); Apocalipse mostra como eles seguirão uma besta terrena (13:3). Finalmente, Mateus indica como o Senhor virá dos céus; e Apocalipse descreve como o Senhor com Seu exército virá dos céus com glória e poder (19:11-16).

Nós devemos também perceber a harmonia entre o Apocalipse e a profecia de Paulo aos Tessalonicenses. Paulo menciona a revelação do homem do pecado, o filho da perdição; Apocalipse fala do aparecimento do Anticristo (13:1). Paulo fala que o homem do pecado se oporá a Deus; Apocalipse registra como ele blasfema a Deus (13:6). Paula prediz como aquele homem do pecado exaltará a si mesmo como Deus para ser louvado; Apocalipse descreve como ele tem a sua imagem para receber veneração (13:14,15). Paulo descreve que a sua vinda é de acordo com a obra de Satanás; Apocalipse narra como ele recebe poder do dragão (ou seja, de Satanás) (12:9; 13:4). Paulo prediz que ele fará sinais e maravilhas de mentira; Apocalipse observa que “seu ferimento mortal [será] curado” (13:3; conf. também v.14). Paulo conclui que ele será destruído pela glória da vinda do Senhor Jesus; Apocalipse apresenta ele como sendo preso na vinda do Senhor e então sendo “lançado vivo no lago de fogo que arde com enxofre” (19:20).

Não podemos agora ver como as profecias do Apocalipse correspondem tão intimamente com todas as outras profecias tanto do Velho como do Novo Testamento? Quão verdadeiramente una é a palavra de do Senhor! Assim como as profecias citadas acima do Novo Testamento, e da mesma forma que o Velho Testamento aguarda seu cumprimento nos dias vindouros, também as palavras correspondentes em Apocalipse esperam suas futuras realizações.

As Outras Revelações no Livro de Apocalipse

Nós temos demonstrado que o livro de Apocalipse dá suporte e reforço a todas as outras profecias da Bíblia. Mas esse livro não está meramente limitado a confirmar o que já foi outrora profetizado, pois ele não é basicamente uma repetida proclamação dos ditos dos antigos profetas. Ele toca em muitas regiões da predição que os profetas do Velho nunca haviam conhecido e também derrama mais luz nas profecias do passado. No nosso estudo nós temos descoberto como as palavras desse livro sobre

o anticristo coincidem perfeitamente com as profecias antigas. Mas agora nós veremos os sinais divinos de julgamento no livro de Apocalipse.

A Bíblia frequentemente sugere que os sinais (não falsos sinais) de Deus são características dos últimos dias: “Haverá grandes terremotos, e em diversos lugares fome e pestilências; e haverá terrores e grandes sinais dos céus” (Lucas 21:11)-“Eu mostrarei maravilhas acima nos céus, e sinais debaixo na terra; sangue, e fogo, e vapor de fumaça: o sol se tornará em escuridão, e a lua em sangue, antes que venha o dia do Senhor, o grande e notável dia” (Atos 2:19,20).

O livro de Apocalipse mostra como Deus fará esses sinais. Certa vez, em tempos passados, Deus fez um pacto de maravilhas com a casa de Jacó, e esse pacto será cumprido durante o tempo da terceira divisão desse livro de Apocalipse: “Contemplem, Eu faço um pacto: diante do todo o teu povo Eu farei maravilhas que nunca se fizeram em toda a terra, nem em qualquer nação [e, portanto, maior do que quaisquer sinais que Deus fez no Egito]; e todo o povo no meio do qual tu estás verá as obras de Jeová; porque coisa terrível é o que faço contigo [porque os judeus estão espalhados entre as nações, a manifestação desses sinais será universal]” (Êxodo 34.10). o livro de Apocalipse fala de como Deus usará esses sinais para libertar os judeus.

Os pecados do mundo aumentarão até que chegue o dia do ato mais gracioso de Deus. Nesse momento, a maneira mais graciosa de Deus lidar com a terrível situação da terra é a de ele punir o mundo: “Uivai; pois o dia do Senhor está perto; como destruição do Todo-Poderoso virá. Pelo que todos os braços se tornarão frouxos, e o coração de todos os homens se derreterá... Eis que vem o Dia do Senhor, cruel, com ira e ardente furor, para converter a terra em assolação e dela destruir os pecadores.” (Isaías 13:6-9). Esses sinais serão feitos não somente para destruir os pecadores, mas também para contrariar as maravilhas de mentira feitas pelo anticristo demonstrando, assim, o próprio caráter divino de Deus. Deus é Deus; satanás não é Deus. Portanto, o livro de Apocalipse registra as chagas que Satanás não pode curar, os terremotos que Satanás não pode parar, a ressurreição e o arrebatamento que Satanás não pode bloquear, e

as correntes que Satanás não pode quebrar. Satanás não vai ser páreo para Deus!!!!! Os sinais dos céus serão mais poderosos que as maravilhas do inferno. Quão reconfortante isso é!

Os muitos sinais registrados no Apocalipse são feitos diretamente pela mão de Deus. Essas coisas são sobrenaturais, e são milagres de Deus. (Sendo milagres, então são fatos, e por isso devem ser aceitos literalmente e não devem ser espiritualizados). Se compararmos o relato de Apocalipse com “o Dia de Jeová” ou “o Dia do Senhor” nas profecias do Velho Testamento, nós podemos descobrir o quão harmoniosas são as últimas palavras da Bíblia com estas profecias mais antigas.

Obviamente, a terceira divisão do livro de Apocalipse toca também em coisas que ocorrerão depois do reino milenar, mas estas não são centrais para a nossa preocupação aqui e por isso nós não trataremos delas aqui.

Um Breve Sumário a Respeito das Coisas que Virão

Creio que seria de grande ajuda concluirmos com um breve sumário dos eventos do fim dos tempos. A primeira coisa que está para acontecer é o arrebatamento dos crentes vencedores. Todos aqueles em cujas vidas a cruz trabalhou profundamente serão arrebatados. Mas aqueles que apesar de serem salvos ainda estão misturados com o mundo e comprometidos com pecados permanecerão na terra e passarão pela Grande Tribulação. Somente os santos vitoriosos e vigilantes estão prontos para serem recebidos (o resto dos crentes salvos passarão pela Grande Tribulação e serão recebidos ao soar da sétima trombeta). Tudo isso é concernente aos cristãos.

Durante este tempo o Império Romano reviverá, e uma pessoa muito forte será o seu imperador. Ele receberá certos poderes de Satanás a fim de fazer sinais e prodígios de mentira. Ele se proclamará Cristo e roubará o coração de muitos judeus. Naquele período os judeus já terão retornado à sua terra natal, mas muitos deles são incrédulos. Eles reconstruirão o templo e restaurarão os seus antigos louvores e sacrifícios. Por temerem

poderes externos, eles farão uma aliança com o Anticristo por sete anos para receber a sua proteção. Sem dúvida, haverá um remanescente dos que crêem na palavra de Deus e se opõem ao nome do falso Messias.

No meio desses sete anos, haverá um sinal nos céus, pois o dragão vermelho (Satanás) será lançado para baixo dos céus para a terra. Ele estará cheio de ódio contra os santos de Deus – esses judeus que carregam o testemunho de Deus. Ele tornará o coração do Anticristo – o Imperador Romano – contra esses judeus.

Mas enquanto Satanás perseguir esses que pertencem a Deus, Deus punirá aqueles que pertencem a Satanás. As “trombetas” e as “taças” mencionadas no livro de Apocalipse serão manifestações da ira de Deus contra o Anticristo e os habitantes da terra. Ao punir o mundo, Deus espera que eles se arrependam, mas o mundo persistirá no mal e não se arrependerá.

Através do poder de Satanás, o anticristo quebrará o seu pacto, interromperá todos os sacrifícios e ofertas, e erigirá a imagem-ídolo – aquela asa da abominação – para que as pessoas a adorem. Os falsos profetas virão para persuadir as pessoas a adorar a imagem. Assim que a imagem é erigida, o remanescente irá imediatamente para o deserto. Embora Satanás usará muitos meios para destruí-los, Deus cuidará deles durantes os três anos e meio,

Não tendo nenhum escoadouro para a sua ira, Satanás se voltará para perseguir aqueles crentes que não fora previamente arrebatados. Muitos serão martirizados. Mas ao soar da sétima trombeta, os crentes que ficarem na terra serão também arrebatados por que eles terão aprendido obediência através dos sofrimentos e terão sido agora aperfeiçoados.

Então o Anticristo reunirá todas as nações para vir e atacar os judeus (a guerra do Armagedom). Os judeus fugirão da cidade (ver Zac. 14). Isso acontecerá na conclusão do último sete mencionado em Daniel, quando o Senhor Jesus virá dos céus com Seus santos e Seus pés tocarão o Monte das Oliveiras. Ele salvará os filhos de Israel e destruirá as nações que guerrearem contra Ele. Então começará o reino milenar.

Isso é um esboço geral do livro de Apocalipse. No entanto, aqueles que crêem no Senhor e que têm sido fiéis, vigilantes, em prontidão, vencedores e em oração já terão sido arrebatados para os céus antes de essas coisas virem sobre o mundo. Não haverá necessidade de eles passarem pela Grande Tribulação. Por isso, nós devemos ter o espírito de arrebatamento agora. Nós devemos ter a experiência do arrebatamento no espírito antes que isso possa ser cumprido em nosso corpo. Nosso espírito deve ir para os céus ante, então nosso corpo o seguirá. Que possamos não estarmos envolvidos com as coisas desse mundo para que possamos ir quando a hora chegar. Os “poderes da era vindoura” (Hb 6.5) deveriam ser manifestos nas vidas dos santos hoje. Mas, muitos hoje parecem estar deficientes.

Senhor, serás Tu gracioso? Conduz-nos e guarda-nos para que possamos buscar a verdade, para que possamos ter a luz do futuro para iluminar nossa presente carreira, para que possamos deixar o futuro trono do julgamento de Cristo nos induzir a julgar a nós mesmos nos dias de hoje, e para que possamos provar da alegria futura agora assim como fortalecer nossa comunhão com o Espírito do Senhor hoje. Que não estudemos esse livro tão abençoado, como se fosse uma espécie de exame mental, mas que o estudo dele mude radicalmente nossas vidas e obras. Amém.

Um Esboço Detalhado do “Apocalipse”

(A) “AS COISAS QUE VISTE” (Capítulo 1)

(1) Palavra Introdutória vv.1-3

(2) Saudações e Benção vv.4,5

(3) Grito de Alegria vv.5-7

(4) O testemunho de Deus v.8

(5) João em Patmos v.9

(6) A Visão do Cristo Glorioso vv.10-16

(7) A Comissão do Senhor vv.17-20

(B) “AS COISAS QUE SÃO” (Capítulos 2,3)

Capítulo 2

(1) Éfeso (Igreja Pós-Apostólica) vv.1-7

(2) Esmirna (Igreja Sofredora) vv.8-11

(3) Pérgamo (Igreja Corrupta) vv.12-17

(4) Tiatira (Igreja Romana) vv.18-29

Capítulo 3

(5) Sardes (Igreja Reformada) vv.1-6

(6) Filadélfia (Rebanho Pequeno e Fiel) vv.7-13

(7) Laodicéia (Igreja Apóstata) vv.14-22

(C) “AS COISAS QUE ESTÃO PARA ACONTECER” (Capítulos 4-22)

1. Visão do Trono (Chs. 4,5)

Capítulo 4

(1) Céus Abertos v.1

(2) O Trono vv.2,3

(3) Os Vinte e Quatro Anciãos v.4

(4) Condições ao Redor do Trono vv.5,6

(5) Os Quatro Seres Viventes vv.7,8

(6) Louvores vv.9-11

Capítulo 5

(7) “Quem é Digno de Abrir o Livro?” vv.1-4

(8) O Leão – o Cordeiro vv.5-7

(9) O Louvor dos Quatro Seres Viventes e dos Vinte e Quatro Anciãos vv.8-10

(10) O Louvor dos Anjos e da Criação vv.11-14

2. A Abertura dos Sete Selos (Chs. 6-8.5)

Capítulo 6

(1) O Primeiro Selo–Cavalo Branco vv.1,2

(2) O Segundo Selo–Cavalo Vermelho vv.3,4

(3) O Terceiro Selo– Cavalo Preto vv.5,6

(4) O Quarto Selo– Cavalo Pálido vv.7,8

(5) O Quinto Selo–O Clamor Debaixo do Altar vv.9-11

(6) O Sexto Selo–O tremor do Céu e da Terra vv.12-17

A Visão que está Inserida entre o Sexto e o Sétimo Selos (Chapter 7)

Capítulo 7

(1) O Remanescente de Israel vv.1-8

(2) Os Salvos Dentre os Gentios vv.9-17

Fim da Visão Inserida

Capítulo 8

(7) O Sétimo Selo vv.1,2

(8) Condições no Céu depois do Sétimo Selo vv.3-5

3. O Soar da Sete Trombetas (Chs. 8.6-11.19)

(1) A Primeira Trombeta vv.6,7

(2) A Segunda Trombeta vv.8,9

(3) A Terceira Trombeta vv.10,11

(4) A Quarta Trombeta vv.12,13

Capítulo 9

(5) A Quinta Trombeta–O Primeiro Ai vv.1-12

(6) A Sexta Trombeta–O Segundo Ai vv.13-21

A Visão que está Inserida entre a Sexta e a Sétima Trombetas (Chs. 10-11.14)

Capítulo 10

(1) O Anjo Forte vv.1-7

(2) O Livrinho vv.8-11

Capítulo 11

(3) O Templo e o Altar vv.1,2

(4) As Duas Testemunhas vv.3-12

(5) Um Grande Terremoto vv.13,14

Fim da Visão Inserida

(7) A Sétima Trombeta vv.15-18

(8) Condições no Céu depois da Sétima Trombeta v.19

4. O Satanás Triuno (Chs. 12,13)

Capítulo 12

(1) O Grande Sinal vv.1-5

(2) A Fuga da Mulher v.6

(3) A Guerra nos Céus vv.7-9

(4) A Grande Voz vv.10-12

(5) O Dragão Perseguindo a Mulher vv.13-17

Capítulo 13

(6) A Besta que Sai do Mar vv.1-10

(7) A Besta que Sai da Terra vv.11-18

5. Três Colheitas (Ch. 14)

Capítulo 14

(1) As Primícias vv.1-5

(2) O Primeiro Anjo vv.6,7

(3) O Segundo Anjo v.8

(4) O terceiro Anjo vv.9-11

(5) Bem-Aventurados são os Mortos vv.12,13

(6) A Colheita vv.14-16

(7) A Vindima vv.17-20

6. Derramando as Sete Taças (Chs. 15,16)

Capítulo 15

(1) As Últimas Sete Pragas v.1

(2) A Doxologia vv.2-4

(3) Condições no Céu depois das Sete Pragas vv.5-8

Capítulo 16

(4) A Primeira Taça vv.1,2

(5) A Segunda Taça v.3

(6) A Terceira Taça vv.4-7

(7) A Quarta Taça vv.8,9

(8) A Quinta Taça vv.10,11

(9) A Sexta Taça v.12

A Visão que está Inserida entre a Sexta e a Sétima Taças (Ch. 16.12-16)

Har-Magedon (Armagedon) vv.12-16

Fim da Visão Inserida

(10) A Sétima Taça vv.17-21

7. Babilônia e Sua Destruição (Chs. 17-19.4)

Capítulo 17

(1) A Meretriz é Descrita vv.1-6

(2) O Anjo Explica vv.7-15

(3) O Anjo Profetiza vv.16-18

Capítulo 18

(4) O Clamor de um Anjo vv.1-3

(5) A Chamada por Separação vv.4,5

(6) A Sua Ostentação e Destruição vv.6-8

(7) Choro por Babilônia vv.9-19

(8) Alegria nos Céus v.20

(9) Total Destruição vv.21-24

Capítulo 19

(10) Os Louvores no Céu vv.1-4

8. O Aparecimento do Rei e Seu Reino (Chs. 19.5-20.6)

(1) As Bodas do Cordeiro vv.5-10

(2) A Segunda Vinda de Cristo vv.11-16

(3) A Batalha de Har-Magedon (Armageddon) vv.17-21

Capítulo 20

(4) Satanás Amarrado vv.1-4

(5) O Reino Milenar vv.5,6

9. Depois do Milênio (Chs. 20.7-22.5)

(1) A Última Rebelião vv.7-9

(2) O Destino eterno de Satanás v.10

(3) O Julgamento do Grande Trono Branco vv.11-15

Capítulo 21

(4) O Novo Céu e a Nova Terra vv.1-8

(5) A Nova Jerusalém vv.9-27

Capítulo 22

(6) A Água da Vida e a Árvore da Vida vv.1,2

(7) A Glória dos Redimidos em Sete Aspectos vv.3-5

10. O Último Aviso (Ch. 22.6-fim)

(1) A Mensagem do Anjo vv.6-11

(2) A Mensagem do Senhor vv.12,13

(3) Dois Tipos de Pessoas vv.14,15

(4) O Próprio Testemunho de Cristo v.16

(5) A Resposta de Santo Espírito e da Noiva v.17

(6) O Último Aviso vv.18,19

(7) A Última Mensagem, Oração e Benção vv.20,21